



Instituto Universitário

A Percepção dos Pais sobre as Competências dos Bebés

Joana Rita Isidoro Santos Ribeiro

Orientador de Dissertação:
Professor Doutor Joaquim Eduardo Nunes Sá

Coordenador de Seminário de Dissertação:
Professor Doutor Joaquim Eduardo Nunes Sá

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:
Mestre em Psicologia
Especialidade em Psicologia Clínica

2011

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor Joaquim Eduardo Nunes Sá, apresentada no ISPA - Instituto Universitário para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Eduardo Sá por toda a disponibilidade que sempre teve para comigo em todos os momentos em que lhe solicitei ajuda, por todo o carinho e amizade com que me tratou, pela imensa paciência para com as minhas dúvidas. Sem a sua colaboração, nunca teria conseguido levar esta tarefa a bom termo.

Às minhas colegas do Seminário de Dissertação pelo companheirismo, pela ajuda e pelo ambiente simpático, acolhedor e alegre que sempre ajudaram a criar durante as aulas. Um grande obrigado pelas nossas conversas e brincadeiras que ajudavam a diminuir a ansiedade dos prazos que se aproximavam.

Aos meus pais e à minha irmã por todo o apoio que me deram nestes cinco anos da minha vida, foram eles os grandes suportes nos momentos difíceis.

À minha avó, pois sem a sua ajuda preciosa a vários níveis, não teria conseguido chegar até aqui.

Ao meu namorado pelo apoio e pela enorme paciência para com as minhas ausências e falta de atenção.

Aos meus amigos pela energia positiva que sempre me foram transmitindo.

À minha tia Carla Alexandra e a uma enfermeira muito especial pela enorme ajuda na recolha dos questionários.

A todos os pais e mães que aceitaram responder aos questionários, parte imprescindível nesta Dissertação.

Resumo

O bebé nasce predisposto para a relação, com todo um conjunto de competências sensoriais, motoras e relacionais que, em contacto com o mundo que o rodeia, lhe vão permitir organizar e criar uma mente própria, o que o torna num ser único. É a mãe, na relação com o bebé, que o ajuda a criar as bases da vida mental, assim ela tenha consciência das reais competências do seu bebé. Pais informados sobre estas competências, adaptam-se, compreendem, estimulam os seus bebés e criam uma verdadeira relação. O objectivo deste estudo é perceber até que ponto os pais têm conhecimento de todas estas competências do bebé. Para isso, aplicou-se o Questionário sobre a Concepção de Competências do Bebé Recém-Nascido, a 52 pais com bebés de idades até 2 meses. Observou-se que os pais têm um conhecimento suficientemente bom sobre estas competências, considerando os bebés como seres activos e participantes nas relações com os outros. A idade dos pais não teve influência nos resultados, mas o grau de escolaridade e a profissão revelaram-se como indicadores de maior ou menor grau de conhecimento.

Palavras-chave: Competências, Bebés, Pais.

Abstract

A baby is born predisposed for a relationship, with a whole set of sensorial, motor and relational competences which, in contact with the surrounding world, will allow him to organize and create a mind of his own, that will make him an unique human being. It is the mother, in the relationship with the baby, that helps him to raise the bases of a mental life, thus she is aware of the real competences of her baby. Parents that are acquainted with all these competences, adapt themselves, understand, stimulate their babies and create a true relationship. The aim of this study is to understand how far do parents are acquainted to these baby's competences. Therefore the Questionnaire of the Conception of the New-Born Baby Competences was applied to 52 parents with babies till the age of two months. It was observed that parents know enough about these competences, considering their babies as active human being and participant in the relationship with the others. Age had no influence in the outcome, but the scholar degree and the profession turned out to be as indicators of a better or worse degree of knowledge.

Key-words: Competences, Babies, Parents.

Índice

I. Introdução Teórica	1
1. Os Bebés	1
Contexto histórico das antigas e novas perspectivas sobre o Bebé e as suas competências	1
Continuidade pré e pós-natal	3
Competências do Bebé	5
As Competências Sensoriais	5
1. A visão	5
2. A audição	7
3. O olfacto	8
4. O paladar	9
5. O tacto	9
As Competências Relacionais	10
As Competências Motoras	12
As Competências Mentais	16
2. Os Pais	25
Concepção dos Pais acerca das Competências dos Bebés	25
II. Método	30
Amostra	30
Instrumento	31
Procedimento	31
III. Resultados	32
IV. Discussão	51
V. Referências Bibliográficas	56
VI. Anexos	61
Anexo 1: Questionário sobre a Concepção de Competências do Bebé Recém-Nascido (QCBR)	62
Anexo 2: Tabelas sobre as análises de dados efectuadas em SPSS	68
Lista de Figuras	
Figura 1: Calendário das grandes etapas do Desenvolvimento Motor	15
Figura 2: Quadro de Desenvolvimento Psicomotor	15

I. Introdução Teórica

1. Os bebês

Contexto histórico das antigas e novas perspectivas sobre o bebê e as suas competências

De acordo com Eduardo Sá (2009), os bebês sempre foram ignorados ao longo da história da Humanidade, sendo uma descoberta estranhamente recente. A importância dada aos bebês é uma descoberta recente que modifica a continuada ignorância de que foram sendo vítimas ao longo do tempo.

Os psicólogos e psicanalistas foram falando dos bebês de uma forma tão reflexa, que quase pareciam anencéfalos: Piaget falou deles como se fossem dominados por “reações circulares”; Klein imaginou que os bebês nasciam como se estivessem perto de uma psicose congênita e Mahler descrevia os bebês num registo de “autismo normal” (Sá, 2003b).

Antigamente, acreditavam que o feto e o recém-nascido, até aos 2 ou 3 anos, não experimentavam emoções e consideravam que a personalidade ainda não se tinha desenvolvido, mas Freud veio provar que esta ideia estava errada, pois tanto os bebês como as crianças sentem o que acontece à sua volta (Almeida, 2006). Freud, atribuiu assim, no início do século XX, personalidade ao recém-nascido (Cunha, 2001) e salientou a importância da vida emocional do bebê (Sá, 2004).

Featherstone (2008) conta que no início do século XX, o feto já era visto pelos Australianos como uma entidade significativa, mas ainda não como um ser detentor da sua própria vida ou personalidade. O feto era visto quase como um paciente que podia ser tratado através da mãe, detendo uma inseparabilidade moral do corpo da mesma (Featherstone, 2008).

De acordo com Dunker & Lordelo (1993), até à década de 50, os profissionais de saúde pensavam que os bebês não podiam ver, ouvir e comunicar. As autoras, citando Thoman (1979), afirmam que os bebês eram vistos como “organismos basicamente deficientes, incompletos e relativamente incompetentes e inadequados” (Thoman, 1979, citado por Dunker & Lordelo, 1993, p.1). As autoras referem que o bebê não teria memória e que o seu equipamento sensorial e perceptivo era rudimentar. Acrescentam, ainda, que o bebê nasceria como “uma página em branco”, no que diz respeito às emoções, temperamento e preferências e que seria um ser a-social.

Os pediatras e neonatologistas pensavam que o psiquismo só aparecia a partir dos três meses, o que reforçava a ideia do bebé como uma tábua rasa. Com Brazelton (citado por Cunha, 2001) pudemos aprender as habilidades e competências dos bebés, os seus ritmos comportamentais e a sua relação com o desenvolvimento. Brazelton e Cramer (2007), nos seus estudos mais recentes de observação de recém-nascidos afirmam que as competências do bebé são mais precoces do que aquilo que se pensava. Estes autores constataram, em contexto hospitalar, que o recém-nascido nasce já com um sistema nervoso complexo e plástico. Estas constatações estão relacionadas com as capacidades de resposta do recém-nascido, na sua relação com objectos inanimados e com pessoas.

Com os novos conhecimentos das neurociências e de tantos outros autores ficámos com uma nova perspectiva de quem é realmente o bebé. Assim, de tábua rasa, o bebé passou a ter o estatuto de indivíduo, com características e competências próprias (Cunha, 2001). Para esta nova visão, também contribuíram as novas tecnologias em obstetrícia nos anos 60, onde se começou a perceber que o feto ouve, tem sensações, reage ao stress, defende-se, tem medo. Pode-se dizer, assim, que o bebé é um ser emocional, intelectual e fisicamente mais capacitado do que se imaginava (Almeida, 2006).

Em função do exposto, faz todo o sentido o que diz Didonet (2002) quando refere que o facto de não sabermos como descrever o bebé, não nos autoriza a defini-lo pela negação daquilo que se expressa no adulto. Todas as pesquisas feitas tanto pela psicologia, antropologia, psicanálise como pela neurobiologia, nos últimos cinquenta anos, têm verificado que o bebé possui desde muito cedo diversas competências. O bebé é um ser activo no contacto com a mãe. Tal como afirma Didonet (2002), citando Bowlby e McGrew & Schaffer, a criança não é um sujeito passivo na relação com os outros, não estando, assim, à espera de olhares e atenção. Ela própria determina os olhares e atenções que quer voltados para si. Didonet, na sua palestra proferida em 2002, mencionou outras competências dos bebés, tais como, competências para estabelecer relações sociais, competências cognitivas, competências lúdicas e graus progressivos de autonomia.

Estes novos estudos sobre o bebé são da máxima pertinências, pois já era tempo de se olhar para o bebé de outra forma e aqui considera-se que Pedro (2004) tem toda a razão quando afirma que ninguém tem o direito de ignorar o direito da criança em ver garantidas as suas necessidades, sobretudo quando é bebé. E, segundo o autor, uma das formas de garantir as necessidades do bebé pode passar pela constatação de que a experiencia precoce é vital

para o desenvolvimento intelectual e moral da criança. Ao que Sá (2009) acrescenta que, nós adultos, perante os desafios da vida, só teríamos a ganhar se pudéssemos permanecer mais ou menos bebês: curiosos, atentos, abertos ao deslumbramento desses desafios, intuitivos e autênticos. Características que vamos perdendo ao longo da vida.

Assim, torna-se muito interessante a ideia de Farias (2008), pois ele afirma que as velhas ideias de o bebê ser apenas reflexo e não ter a capacidade de comunicar não tinham graça nenhuma.

Continuidade pré e pós-natal

Para Gonçalves (2006), “há muito mais continuidade entre a vida intra-uterina e a primeira infância do que o corte do parto pode fazer crer” (p.108). De acordo com a autora, a situação biológica do feto onde a mãe satisfaz as necessidades do mesmo através do seu próprio corpo é substituída, no recém-nascido, pela relação objectal à sua mãe (que continua a satisfazê-lo por outros meios).

Piontelli (1995) afirma que há uma ligação de continuidade comportamental e psicológica que se estende do feto ao bebê e do bebê à criança. Contudo, a autora refere que os seus estudos sobre a continuidade entre a vida pré e pós-natal não são universalmente aceites, dizendo que a maioria dos psicólogos e psicanalistas parece pensar que a vida mental do bebê começa no nascimento, pois muitos falam de “nascimento psicológico como se dando mais tarde, quando o bebê revela sinais rudimentares de diferenciar self de objecto” (Piontelli, 1995, p.237). Nos seus estudos com bebês, percebeu que o modo como cada criança reagiu ao nascimento pareceu consistente com as tendências individuais já definidas no seu passado, pois apesar de o nascimento ser uma grande mudança ambiental, as crianças que observou não apresentaram uma mudança em si, mental ou relacional em relação ao período pré-natal.

Há, assim, uma continuação surpreendente do repertório pré-natal durante os primeiros dois meses de vida (Einspieler, Marschik & Prechtel, 2008). Esta continuidade é reforçada por Cyrulnik (1995, citado por Oliveira, 2009), pois afirma que os bebês já são competentes antes do nascimento, possuindo assim, uma organização neuropsicológica que os torna aptos a processar informações vindas do meio e de todos os sistemas sensoriais, como sejam, a visão, a audição, o olfacto, o paladar e o tacto. Assim, os bebês quando nascem já apresentam um conjunto de capacidades que os tornam predispostos para aprender através das suas relações.

Segundo Oliveira (2009), o bebê possui um aparelho mental que ainda não está completamente desenvolvido, mas que lhe permite estar em contacto com o mundo externo e com o seu mundo interno. Ao que Wilhelm (2004, citado por Sá & Dias, 2004) até acrescenta e reforça a existência de uma memória pré-natal, ou seja, as competências do recém-nascido não poderiam ter sido adquiridas na ausência de uma memória.

Sousa (2006) também reforça esta ideia pois diz ser cada vez mais pertinente procurar a origem das competências dos recém-nascidos na vida pré-natal, sobretudo na organização neurofisiológica do feto. A autora já tinha afirmado noutra obra anterior que, “indubitavelmente competente para a relação muito antes de nascer, e previamente a qualquer aprendizagem, o bebê demonstra capacidades para perceber e integrar as informações biológicas e químicas que provêm do ambiente que o envolve” (Sousa, 2006, p.33).

Para além de existir uma reciprocidade e complementaridade entre as competências do bebê e as competências do feto, existe também uma complementaridade com as competências maternas, pois para Eduardo Sá (1995, citado por Reis, 2003), o comportamento do bebê só pode ser entendido na relação com as mães e com os pais. Esta ideia vai ao encontro de Winnicott (1975b), quando ele afirma que aquilo a que chamamos bebê não existe, porque para descrever um bebê, temos de o descrever com mais alguém; um bebê não pode existir sozinho, ele faz parte de uma relação. Também para Winnicott (1975b), a história do ser humano não começa aos dois anos, nem aos seis meses, mas ao nascer e antes mesmo de nascer. Na sua opinião, cada bebê é, desde o início, uma pessoa.

Com efeito, para Cyrulnik (1995), no fim da gravidez o bebê já se alimentou de informações sensoriais com as quais já está familiarizado. O seu primeiro mundo mental é um mundo de representações organizadas em torno do afecto, mundo esse que ele percebe e já organizou, ao perceber e interpretar os afectos maternos transmitidos pelos canais sensoriais. A partir da 26ª semana de gestação, quando se estrutura o aparelho de sonhar, o feto alimenta os sonhos com as informações sensoriais percebidas durante as poucas horas de vida e é assim que se assiste ao nascimento da vida psíquica intra-uterina. A vida mental pré-natal resulta do encontro entre um aparelho biológico (o sono com sonhos) e uma alimentação sensorial fornecida pela mãe, o seu corpo e as suas emoções. Quando o bebê nasce, “vem já equipado com um aparelho neurológico que percebe, filtra e organiza o seu novo mundo, um aparelho que funciona apenas há algumas semanas, mas que, alimentado pelas suas percepções, as transforma já em representações” (Cyrulnik, 1995, p.76).

Mancia (1981) já tinha a mesma opinião: a mãe não só fornece ao feto oxigénio e comida, mas também estabelece uma relação com ele, centrada numa série de estímulos que alcançam o feto, principalmente na sua constância e ritmicidade. O feto amadurece em termos fisiológicos, mas também em termos psíquicos que se referem ao núcleo mental de actividade que precisa de ser construído para conseguir formar um self. É isto que vai impedir que o bebé se “parta em pedaços” perante a ameaça dos instintos que são activados no nascimento e que precisam de enfrentar a realidade. Conclui-se que o bebé já vem um pouco preparado para o embate da chegada a este mundo e que se assim não fosse, o embate seria insuportável.

Competências do Bebé

No que diz respeito ao recém-nascido, é possível determinar uma série de competências sensoriais, motoras e relacionais que fazem do bebé um parceiro apto e capaz, desde muito cedo, para o estabelecimento de relações interpessoais (Reis, 2003).

As Competências Sensoriais

De acordo com Lipsitt (1995), os bebés nascem com todos os seus sistemas sensoriais a funcionar, embora ainda não em pleno. Contudo, eles têm capacidade para se aperceberem de cada modalidade sensorial. O autor refere também que desde que nascem, os bebés começam logo a interagir com outras pessoas significativas.

1. A visão

Cyrulnik (1995) afirma que contrariamente às ideias mais antigas, a visão está presente desde o nascimento, mesmo nos bebés prematuros. Contudo, a visão é o sentido menos desenvolvido, ao nascer. Isto porque o feto não tem estímulos visuais no útero. A acuidade visual dos recém-nascidos é pobre, mas já parecem sensíveis a um mundo de objectos (Moura & Ribas, 2004).

A partir do momento em que nasce, o bebé consegue compreender o rosto humano. Os estímulos visuais que chamam a atenção do bebé são o brilho dos olhos e da boca, bem como os contornos do rosto. Esta capacidade permite ao bebé um conhecimento muito precoce das pessoas que cuidam dele (Brazelton & Cramer, 2007). Também Lopes, Nascimento, Souza,

Mallet & Argimon (2010) vêm ao encontro desta ideia, afirmando que o bebé pode distinguir o rosto materno dos outros rostos.

Depois do nascimento, a visão torna-se a principal fonte de estímulos para o bebé. Para Alvarez e Golse (2009), no primeiro mês de vida, o bebé não é capaz de se adaptar à realidade, por isso a distância ideal para apresentar um objecto ao bebé é de trinta centímetros. Os autores afirmam também que 95% dos bebés com quatro dias seguem com os olhos um objecto com uma cor viva. Ideia já anteriormente defendida por Dunker e Lordelo, em 1993, quando afirmam que o bebé, após o nascimento, vê e apresenta preferências em relação a alguns objectos.

Entre quatro a sete semanas depois de nascer, o bebé já estabelece contacto visual (Farias, 2008). Com seis semanas, os olhos do bebé abrem-se mais, o que proporciona uma relação afectiva. Deste modo, o bebé é capaz de utilizar a comunicação humana (Alvarez & Golse, 2009). Efectivamente, a partir da 6ª semana, a mãe tem pela primeira vez a impressão que o bebé a olha nos olhos e que comunica com ela, o que dá um valor incrementado à relação (Alarcão, Relvas & Sá, 2004). Entre duas e doze semanas a criança consegue fixar os objectos, fixa claramente a cara da mãe e segue alguns objectos com o olhar. Entre três e quatro meses, reage ao seu reflexo no espelho (Farias, 2008). No fim do terceiro mês, o bebé segue com os olhos os movimentos da mãe, podendo, assim, ter acesso a uma interacção à distância (Alvarez & Golse, 2009), aumentando a rede de comunicação, passando a poder controlar as informações visuais que quer receber (Alarcão, Relvas & Sá, 2004). Também a partir dos 3 meses, o bebé percebe as cores (Sá, Matela, Morais & Veiga, 2004).

O reconhecimento visual torna-se rapidamente um sinal reconfortante para os pais, prova-lhes que todas as faculdades do bebé estão intactas e que eles já são importantes para os bebés (Brazelton & Cramer, 2007).

Lauren Adamson (citado por Brazelton & Cramer, 2007) realizou uma experiência que demonstrou até que ponto a visão é importante para o recém-nascido. Ao cobrir os olhos de um bebé acordado, primeiro com uma manta opaca e depois com um plástico de cor clara, o bebé tentou remover a manta o mais depressa possível e quando conseguiu, acalmou-se. Quando a manta foi substituída por outra transparente, o bebé olhou através dela. Como conseguia ver, não estava afectado pelo objecto que lhe cobria a cara.

2. A audição

Desde o período intra-uterino, o bebé discrimina diversos sons, o que faz com que ao nascer prefira sons agudos, especialmente as vozes femininas e a da sua mãe. Mais tarde vai preferir a voz do pai à de um estranho (Dunker & Lordelo, 1993). Estas capacidades auditivas permitem ao bebé reconhecer a voz materna poucas horas depois do nascimento, pois já a ouviu no útero. O recém-nascido é, assim, capaz de localizar os sons virando a cabeça para a voz que lhe fala com mais ternura (Nunes, 2009). Brazelton e Cramer (2007) confirmam que a capacidade de ouvir é logo evidente no momento do nascimento. O som de uma roca ou uma voz suave pode acordar um bebé adormecido, a sua respiração torna-se irregular, o seu rosto ilumina-se, abre os olhos, e quando já está num estado de alerta, o bebé vira os olhos e a cabeça na direcção do som. A seguir mantém um olhar atento para descobrir de onde vem o som. Os autores afirmam, ainda, que os recém-nascidos preferem os sons humanos aos outros. A sensibilidade dos bebés às diferenças auditivas pode ser um indicador de habilidades cognitivas (Lopes, Nascimento, Souza, Mallet & Argimon, 2010).

Lebovici (1995) também refere que, como aos cinco meses de vida fetal, o bebé é capaz de usar os seus sentidos auditivos e gustativos não é nenhuma surpresa que os recém-nascidos sejam capazes de distinguir a voz da mãe de outras vozes femininas nas primeiras horas depois do nascimento.

Fifer, no seu estudo em 2005, refere outro estudo que fez em 1980 com o seu colega DeCasper, onde desenvolveram procedimentos experimentais nos quais os recém-nascidos podiam escutar gravações da voz da sua mãe, alterando os padrões de comportamento de sucção não nutritiva, com o objectivo de investigar se os recém-nascidos se comportariam da mesma forma. Os autores concluíram que até os recém-nascidos com menos de 24 horas de vida foram capazes de conhecer e preferir a voz materna.

Brazelton (1995) afirma que, com dez dias o bebé será capaz de escolher a cara da mãe de entre várias caras femininas e que, com 14 dias, se o seu pai estiver presente, ele escolherá a voz e a cara do pai quando confrontado com a voz e a cara de outro homem. De acordo com Almeida (2006), o som predominante no mundo do bebé é o dos batimentos cardíacos da mãe, a criança reconhece este som, o que lhe transmite um sentimento de segurança.

Nunes (2009) também concluiu que a exposição pré-natal aos sons humanos, como a fala a que o bebé está sujeito pela mãe, estimula a sua atenção a determinados sons, em

especial ao diálogo humano depois de nascer, o que vai permitir ao bebé uma adaptação prévia à sociedade humana e principalmente à língua da mãe.

Quando nasce, o bebé tem de familiarizar-se com os novos ruídos, ou seja, deve remodelar ou reconstruir as suas percepções auditivas. Ao explorar o meio com o olhar, vai dar um significado e um sentido àquilo que ouve (Montagner, 2009).

A audição também está relacionada com o comportamento motor do bebé, pois este parece estar “modulado pela palavra, como se esta marcasse um ritmo, iniciasse e sincronizasse todos os seus movimentos” (Alvarez & Golse, 2009, p. 26).

3. O olfacto

Nos primeiros meses, a relação entre uma criança e os seus pais organiza-se através de contactos corporais que permitem ao bebé associar um odor a um comportamento, por exemplo, quando o bebé está a mamar, ele cheira o seio e a axila; quando anda ao colo, cheira o pescoço (Alvarez & Golse, 2009). Brazelton e Cramer (2007) afirmam que os recém-nascidos têm o sentido do olfacto fortemente apurado e que assim, conseguem distinguir os cheiros agradáveis dos cheiros desagradáveis. Os autores dão um exemplo, as crianças não gostam do cheiro do vinagre nem do álcool, mas gostam dos odores doces como o leite e as soluções açucaradas.

Com apenas quatro dias, o bebé detecta e discrimina cheiros praticamente como o adulto (Sá, Matela, Morais & Veiga, 2004). O bebé prefere o odor do leite materno com apenas 5 a 7 dias de vida (Alarcão, Relvas & Sá, 2004). Também Brazelton e Cramer (2007) fazem alusão a esta preferência, afirmando que o bebé com 7 dias consegue distinguir o cheiro do peito da mãe do de outras mulheres em fase de amamentação. Assim, e de acordo com Lopes, Nascimento, Souza, Mallet & Argimon (2010), o bebé diferencia o cheiro da mãe dos outros cheiros. Os odores maternos parecem desempenhar um papel tranquilizador e podem, por exemplo, favorecer o adormecimento do bebé (Lécuyer, 1997). O mesmo autor conclui que o olfacto desempenha um papel especial no funcionamento afectivo e é, para o bebé, o primeiro instrumento que lhe permite fazer a diferença entre a mãe e uma outra mulher.

De acordo com Cyrulnik (1995), quando um bebê é deitado ao pé de um algodão com o cheiro dos seios da mãe, tranquiliza-se, gesticula menos, baixa as pálpebras e mastiga lentamente. Se o deitarmos ao lado de um algodão sem cheiro ou com outro cheiro, podemos observar movimentos das mãos, dos pés, os olhos muito abertos e a boca fechada.

4. O paladar

Os recém-nascidos são capazes de distinguir diferenças subtis de paladar. Brazelton e Cramer (2007) referem um estudo de Johnson e Salisbury, em 1975, onde encontraram diferentes tipos de sucção em crianças alimentadas a biberão consoante os líquidos que lhes deram a beber: o bebê tem uma resistência tão grande à água salgada que quase sufoca; o leite de vaca faz com que o bebê mame de uma forma contínua e pare em intervalos regulares; se for dado leite materno em biberão, o bebê reconhece a diferença de gosto ao fim de pouco tempo e recomeça a mamar por impulsos, com intervalos regulares frequentes.

O bebê discrimina então os quatro sabores básicos: salgado, doce, azedo e amargo e apresenta uma reacção agradável ao açúcar, o que o ajuda a adaptar-se à vida fora do útero, pois o leite materno é adocicado (Lopes, Nascimento, Souza, Mallet & Argimon, 2010).

5. O tacto

De acordo com Alvarez e Golse (2009), a pele é o órgão principal da percepção sensorial na experiência vivida do bebê e as relações tácteis são os principais canais de comunicação. Também Brazelton e Cramer (2007) dão muita importância ao tacto, atribuindo-o como a zona mais importante de comunicação entre a mãe e o bebê. Os autores afirmam que o tacto é um sistema mediático entre o bebê e quem cuida dele e pode servir para acalmar, alertar e despertar. Estes autores descobriram que um pequeno toque acalma o bebê enquanto um toque mais forte e rápido constitui um estímulo de alerta. As zonas do corpo onde se toca o bebê proporcionam respostas diferentes, por exemplo, se se tocar o bebê à volta da boca, ele agarra-se e quer mamar, se se fizer pressão na palma da mão, o bebê volta a cabeça e abre a boca para o mesmo lado, se se der uma palmadinha num dos lados da boca, o bebê fecha a mão do mesmo lado e leva-a à boca.

Também Lopes, Nascimento, Souza, Mallet & Argimon (2010) afirmam que o bebê é muito sensível ao toque, principalmente à volta da boca e nas mãos. O bebê reage a temperaturas mais quentes ou mais frias do que a do seu próprio corpo e parece ter mais reacção ao frio. Esta sensibilidade está presente ainda no útero, sendo que aumenta nos primeiros cinco dias de vida.

As Competências Relacionais

Os recém-nascidos têm um repertório de comportamentos que os tornam competentes para as trocas sociais, como sejam, sinais comunicativos e capacidade de regular o seu próprio comportamento pelo do parceiro. Uma capacidade muito curiosa é a imitação de expressões faciais que ocorre com poucas horas de vida. Os bebês discriminam expressões faciais de emoções básicas como a alegria, a surpresa e a tristeza (Dunker & Lordelo, 1993). Um sorriso social aparecerá por volta das 6 ou 8 semanas e a vocalização inicia-se no final do segundo mês, início do terceiro (Prechtel, 1995). Sá, Matela, Morais e Veiga (2004) defendem que logo na 3ª semana já há sorrisos verdadeiros e que entre a 4ª e a 6ª semana, o bebê sorri para o rosto humano. Após o aparecimento do primeiro sorriso social e significativo, os pais apercebem-se de que o bebê é um ser humano capaz de se exprimir e comunicar (Lebovici, 1987).

Cunha (2001) sugere mesmo que o bebê está inatamente habilitado desde que nasce a trocar emoções empáticas e intersubjectivas. Vai mais longe e afirma que o bebê precisa de comunicar com outro ser humano para regular “o desenvolvimento cortical do qual vão depender o aprendizado e a aquisição da cultura” (Cunha, 2001, p.120).

Também Moura, Ribas, Seabra, Pessôa, Ribas Jr. e Nogueira (2004) afirmam que o recém-nascido apresenta um conjunto de características que o torna competente para os primeiros contactos sociais. Neste estudo, os bebês foram avaliados como activos e participantes das trocas sociais. Os autores, de acordo com Trevarthen e Hubley (1978), asseguram que os recém-nascidos possuem uma motivação básica para se relacionarem com outras pessoas. Alvarez e Golse (2009) reforçam as ideias anteriores ao afirmarem que as competências sociais do recém-nascido são representadas pela sua capacidade de imitar as expressões do rosto do adulto e pela sincronia interactiva que demonstra desde as primeiras horas fora do útero. De acordo com os mesmos autores, o recém-nascido pode emitir

diferentes gritos aos quais a mãe dará diferentes respostas: o bebé envolve-se nas relações através desta comunicação infraverbal. Meltzoff e Moore (1977, 1983, 1994, 2000, citados por Moura & Ribas, 2004) vêm realizando estudos, há quase vinte anos que demonstram imitação neonatal de movimentos faciais, como sejam, a protrusão da língua, a extensão do lábio e a abertura da boca. Os autores, já em 1983, constataram estas capacidades quando os bebés tinham somente entre 1 hora e 71 horas de vida.

O bebé deve ser reconhecido como um sujeito activo nas suas interacções com os outros, pois possui uma série de mecanismos de ajustamentos que se denominam de capacidades precoces (Reis, 2003). O papel activo do bebé no estabelecimento da relação desde o nascimento também foi mencionado por Bowlby (citado por Gonçalves, 2006) que referiu que os comportamentos inatos no recém-nascido, nos quais se apoia a vinculação teve um enorme impacto no campo da psicologia do desenvolvimento. Também Eduardo Sá (2004) afirma que os bebés são, à priori, competentes para a vinculação e para a ternura.

No estudo de Santos (2001), o recém-nascido foi também descrito como um ser complexamente organizado, capaz de interagir com outras pessoas e de influenciar a relação com os outros, ou seja, é um ser essencialmente social. Contudo, a autora frisa também que apesar de os bebés possuírem um repertório comportamental amplo e complexo, também são seres individuais e cada um deles interage com os adultos com o seu próprio estilo individual.

Gonçalves (2003) também comenta que o bebé não recebe passivamente os cuidados da mãe, mas “age sobre eles, influenciando-os, estimulando-os e permitindo-lhes obter respostas da mãe que vão ser decisivas para o seu desenvolvimento psico-afectivo” (Gonçalves, 2003, p.6). Quando a mãe e o bebé interagem, num diálogo imaginário, o bebé não demonstra ser um ser passivo, mas alguém que acompanha e modela o comportamento maternal. Se a mãe possui uma competência comunicativa, não é menos verdade que o recém-nascido possui também uma competência precoce para entrar activamente em relação com o meio (Alarcão, Relvas & Sá, 2004).

Uma maneira de o bebé influenciar a interacção com a mãe é, através de indicadores encorajadores e desencorajadores. Encorajadores significaria que o bebé está a mostrar à mãe que quer continuar a interagir e que poderiam ser o modo como o bebé sorri, o modo como olha para um objecto ou para uma pessoa, o bebé tocar na mãe ou levantar os olhos e olhar para a mãe (um olhar carinhoso mútuo). Os indicadores desencorajadores ocorrem quando o bebé precisa de descansar. Alguns exemplos podem ser o evitar o olhar, pôr a mão no ouvido,

virar a cara, quando a cor da sua pele muda, quando arqueiam as costas ou abanam os braços ou mexem as pernas (Barnard, 1995).

Reis (2006) também é muito claro quando afirma que os bebés nascem com um conjunto de possibilidades relacionais que os tornam activos e interactivos desde muito cedo, na gravidez. Na sua opinião, foi o processo de encefalização que permitiu que os bebés nascessem com estas possibilidades e que as mães aprendessem sobre eles e se adequassem às suas competências e aos seus ritmos. O autor apresenta um conceito muito interessante ao dizer que o bebé “conhece, com a vista na ponta dos dedos, sempre que, levado pela curiosidade, se disponibiliza para a relação” (Reis, 2006, p.60).

Como também refere Eduardo Sá (2003a), a reacção dos bebés à vida emocional da mãe permite-nos compreendê-los como sujeitos activos, organizando a relação, os seus ritmos, os seus sinais e a memória fetal.

Quando a mãe e o pai deixam o bebé liderar a emissão de sinais, o encorajam a reagir aos estímulos sociais e do meio permitem que a criança sinta que é competente e que controla o meio, fortalecendo-se. Com isto, estão a permitir que se desenvolva a autonomia (Brazelton & Cramer, 2007).

Pode-se resumir as competências relacionais à extraordinária capacidade que o bebé tem de, desde sempre, participar, incentivar e influenciar as relações com a mãe e com todos os outros.

As Competências Motoras

O comportamento motor do bebé pode ser entendido como uma parte do reportório de possibilidades de interacção social que ocorrem no começo da vida. Os níveis de estabilidade do comportamento dependem do controle motor, que é definido como o conjunto de processos que permitem aos seres estabilizar ou mover o corpo, ou extensões do corpo, do modo que desejarem (Vicente & Moura, 2006).

O começo da vida relacional do bebé começa com o contacto e a proximidade corporal providenciados pelos cuidados primários da mãe. Este contacto corporal desencadeia emoções e sentimentos no bebé que gradualmente vai desenvolvendo as suas capacidades motoras para responder aos requisitos de sobrevivência e bem-estar. As disponibilidades motoras e o facto

de controlar o corpo aumentam a possibilidade de melhor ser entendido e correspondido. Assim, todos os comportamentos motores têm como objectivo a interacção e constroem-se dentro da mesma. O bebé expressa-se e relaciona-se com os outros através do comportamento motor. A motricidade não acontece ao acaso, não é gratuita nem uma manifestação orgânica supérflua (Feijo, 1992, citado por Vicente & Moura, 2006).

Também segundo Alvarez e Golse (2009), as capacidades motoras do recém-nascido são igualmente surpreendentes, constituindo a base das interacções entre pais e bebé.

O desenvolvimento motor evolui bastante em poucos meses, passando relativamente rápido de descoordenado a estável, sendo este o resultado da “maturação neurológica, com influências endógenas, que se conjuga com influências exógenas, que decorrem das experiências motoras que o bebé viveu com o seu meio ambiente” (Sá, Matela, Morais & Veiga, 2004, p. 136). A imaturidade neurológica confere aos movimentos do recém-nascido, uma certa aleatoriedade, parecendo estar descoordenado (Alvarez & Golse, 2009).

O comportamento motor implica acção-movimento e é direccionado para a satisfação de necessidades, carências, ou outras intenções mais alargadas. O conceito do comportamento motor, como a possibilidade de suplantar necessidades complexas (sejam elas do tipo físico, emocional ou sociocultural), reforça a ideia que a motricidade tem significados e valores específicos. O comportamento motor activa diversos processos psicossomáticos para alcançar determinados objectivos: seja o de tocar na cara da mãe, seja o de ir buscar a bola, o de gatinhar, etc. Por isso se diz que os objectivos do corpo são objectivos mentais e definimo-los como psicomotores (Vicente & Moura, 2006).

O comportamento motor do bebé também necessita de um alvo visual externo como estímulo, ou seja, para desencadear a actividade de apreensão, o bebé precisa de ser suscitado pela visão do objecto (Vauclair, 2008). Desde que nasce, o bebé possui a capacidade motora que lhe permite alcançar e tocar objectos que estejam no seu campo de visão, ou seja, só pode perceber objectos situados a cerca de 20 cm dos seus olhos (Alarcão, Relvas & Sá, 2004).

Esta fase de pré-alcance desaparece por volta das 3-4 semanas e voltará por volta dos 5 meses. Aqui, já na fase de alcance, a criança precisa já de estar desperta, sentada e agarrada de maneira a libertar as mãos (Vauclair, 2008). Controlar e coordenar a actividade manual é uma habilidade importantíssima na vida do bebé porque possibilita diversos movimentos e a manipulação e construção de objectos. A elaboração dos movimentos manuais é muito

complexa e interessante de observar. A junção do aparelho visual com a actividade das mãos origina uma performance única. Liga-se a percepção com a acção e a tendência é para melhorar com a maturação e a experiência (Vicente & Moura, 2006).

Os primeiros movimentos espontâneos do bebé são os reflexos. Estes são respostas involuntárias a estímulos externos específicos, e vão desaparecer em algumas semanas ou integrar-se em movimentos mais complexos. Para além do reflexo de orientação da cabeça (ao tocar-se na boca ou na cara do bebé, ele orienta a cabeça em direcção do estímulo), o reflexo de sucção e o reflexo de preensão (quando a palma da mão do bebé é estimulada, há uma flexão dos dedos e um movimento de agarrar), existe o reflexo de Moro, o de Babinski (o estímulo da planta do pé, do calcanhar para os dedos implica a flexão do dedo grande), o da marcha automática (quando se segura a criança na posição vertical, o contacto dos seus pés com uma superfície desencadeia movimentos de marcha) e outros. Para alguns autores, certos reflexos podem ter um papel facilitador para o desenvolvimento motor futuro enquanto para outros estes inibem o aparecimento dos movimentos voluntários (Vauclair, 2008).

Para o bebé alcançar o controlo postural, primeiro controla a cabeça, depois alcança a posição de sentado e, por último, a de pé. O desenvolvimento motor faz-se segundo a Lei de Progressão Céfalo-caudal de Coghill, ou seja, a maturação começa ao nível da extremidade cefálica e desce para a extremidade inferior do tronco. Mas também segundo a Lei Próximo-distal, ou seja, o controlo dos músculos dos membros progride desde a raiz dos membros até à sua extremidade. Assim sendo, ao 3º mês segura a cabeça, ao 5º mês mantém-se sentada, mas só endireita as costas por volta dos 8 meses. A seguir, o controlo motor estende-se aos membros inferiores. Aos 9 meses, pode-se manter de pé, com um apoio, e aos 11-12 meses sozinho. A seguir, anda. Com movimentos desengonçados e a cabeça inclinada para a frente para ver onde está a pisar ou o que está a fazer (Vauclair, 2008). Aos 2 anos sobe e desce as escadas sozinha pondo os dois pés em cada degrau e aos 4 anos já só põe um pé em cada degrau. Aos 5 anos praticamente já anda como um adulto (Mazet & Stoleru, 2003).

Figura 1: Calendário das grandes etapas do Desenvolvimento Motor (Vauclair, 2008)

<i>Idade</i>	<i>Habilidades locomotoras</i>	<i>Habilidades posturais</i>	<i>Habilidades de manipulação</i>
2-3 meses	—	Em posição ventral, erguer a cabeça a 90°	Tentar agarrar os objectos à vista
5-8 meses	Rastejar	Manter-se sentado sem apoio	Alcançar e agarrar unimanualmente um objecto
5-10 meses	Gatinhar	Apontar o dedo em direcção a objectos	Realizar pinças finas por meio da oposição polegar-indicador
10-13 meses	Caminhar na vertical	Combinar objectos	Utilizar a colher

Socialmente falando, o comportamento motor, alarga as possibilidades da criança contactar com os outros, e responder particularmente às inúmeras ofertas de interacção com a mãe (Vicente & Moura, 2006).

Figura 2: Quadro de Desenvolvimento Psicomotor (Mazet & Stoleru, 2003)

Quadro de desenvolvimento psicomotor				
	Estática e motricidade	Adaptação-coordenação	Jogos	Alimentação-higiene
4 meses	Deitado de costas, de lado, de barriga.	Levanta-se e apoia-se sobre as mãos, quando está de barriga, preensão tensa.	Abana a roca com um movimento brusco.	Põe por vezes a mão sobre o biberão, reconhece-o desde o terceiro mês.
6 meses	Permanência no parque, princípio de reptação por escorregamento.	Pedalagem variada; entesa-se fortemente; fica sentado com apoio; preensão palmar.	Agarra os pés, começa a apanhar objectos afastados.	Bebe com a chávena mamando no bordo.
8 meses	Fica longamente sentado na sua cadeira alta e no parque.	Levanta-se para se sentar; dá a volta completa; preensão activa do polegar.	Brinca a deitar os objectos para o chão e a batê-los uns contra os outros.	Come com a colher purés e alimentos mais sólidos.
10 meses	De pé no parque.	De pé com apoio, desloca um pé; preensão.	Brinca ao cucu, põe objectos numa caixa.	Bebe por uma chávena ou por um copo se alguém lhos segurar.
14-15 meses	Precipita-se para a frente para andar.	Explora em todos os sentidos.	Brinca a encher e a esvaziar, começa a encaixar.	Bebe sozinho, começa a comer sozinho algumas colheradas.
18 meses	Corre sobre a ponta dos pés.	Sobe uma escada, seguro pela mão; empurra um objecto com o pé.	Gosta dos brinquedos para empurrar e puxar, interessa-se pelas imagens.	Pede a sua comida durante o dia, pode colocar alguns objectos no sítio.
24 meses	Sempre em movimento; tentativas de equilíbrio.	Sobe e desce as escadas.	Jogos de imitação das actividades do adulto.	Começa a tirar os sapatos.

As Competências Mentais

Quando começa a vida mental? Se durante muito tempo, a Psicanálise defendia que o funcionamento mental do bebé se iniciava com o nascimento, ou seja, no momento em que estabelecesse a sua primeira relação com o meio externo, hoje em dia, sabe-se que não há um momento certo para o início do seu funcionamento (Sá & Dias, 2004), e que se nasce psiquicamente antes de se nascer efectivamente (Sá, 2004). Para Rosa (2006), a partir de meados da 14ª semana de gestação, o feto pensa. E adianta, “pensa como pode, pensa com o que tem, mesmo que não possa brincar ainda com o seu pensamento” (Rosa, 2006, p. 102).

Segundo Imbasciati (2003), na perspectiva das ciências psicológicas, o termo “mental” engloba não só o pensamento e a memória, mas também o conjunto de sentimentos e emoções que incidem de forma significativa sobre os processos cognitivos. Para o mesmo autor, o termo “mental” abrange ainda uma série de fenómenos que geralmente, para o senso comum, não são considerados mentais, isto é, todos os comportamentos e as acções do homem. Quer os comportamentos mais complexos, quer os mais simples, todos têm um significado mental.

Os bebés nascem programados para falarem, preferem o rosto e a voz materna (pensa-se que aqui se evidenciam as competências visuais e auditivas), sentem-se confortados pelo ritmo e pelo som dos batimentos cardíacos maternos (novamente competências auditivas), bem como pelo cheiro familiar do corpo da mãe (evidência de competências olfactivas), recebem o seio materno como forma de satisfação da necessidade de alimento e de conforto físico (aqui o conforto físico será uma primeira manifestação das competências sociais), e sentem o corpo materno assim como qualquer toque (competências do tacto) (Reis, 2003). Todas as competências relacionais promovem a organização da vida psíquica ao longo da existência (Sousa, 2006). Aqui, a autora já demonstra que são as competências relacionais que, (junto com todas as outras), vão organizar a mente do bebé.

Observar é uma experiência de totalidade: o bebé observa quando olha (visão), quando ouve (audição), quando cheira (olfacto) ou quando toca (tacto). Ao observar, agarra objectos e entende-os, quer na sua dimensão física, quer na sua vertente relacional. Esta capacidade revela a sua autonomia e contribui para ela. Ao observar, estabelece vínculos a partir do que observa, ou seja, pensa. Assim, o bebé conhece, ao ser levado pela curiosidade, e disponibiliza-se para a relação (Reis, 2006).

Pela evidência da existência de todas as competências enumeradas, depreende-se que o bebê não é nem nunca foi uma ‘tábua rasa’, ou seja, um ser incompetente, fechado, não-sociável, oco, mas sim, segundo Sá (2004), pelo contrário, inquietantemente precoce nas suas competências relacionais, nunca “um aparelho digestivo acoplado a um encéfalo”, um reservatório de instintos como enfatiza o mesmo autor (Sá, 2009). Pensa-se que, quer isto dizer, o bebê não é apenas um ser que só come, mas um ser extremamente complexo, competente, activo, receptivo, interactivo e atento ao mundo que o rodeia.

Tal como disse Alvarez e Golse (2009), a vida psíquica do bebê é contínua à experiência da vida fetal, pois “alimenta-se das suas competências e enraíza-se na realidade corporal das experiências sensoriais e motoras e tónico-emocionais de cada instante que ele tenta organizar, num singular ambiente interactivo, por meio da emergência progressiva das primeiras estruturas de significação” (Alvarez & Golse, 2009, p. 35). O esforço psíquico do bebê é exercido voluntariamente através da sua actividade motora, reflexo das suas competências.

Resumindo, o bebê ao utilizar as suas competências sensoriais, motoras e relacionais, entende, sente o mundo que o rodeia e organiza a sua mente com o que lhe é transmitido através das suas competências. Talvez as competências mentais sejam, essencialmente, a capacidade do bebê organizar o seu cérebro de maneira a conseguir entender esse mesmo mundo. O bebê vê a figura da mãe, uma vez, duas vezes, três vezes, um dia, dois dias, um mês e vai tomar consciência, perceber que aquela figura é quem lhe tira a fome, muda a fralda, dá mimos, ou seja, dá-lhe prazer. Uniu o que foi adquirindo através das suas competências sensoriais, motoras e relacionais, para levar à sua consciência esta ligação da figura, com a satisfação obtida. Esta ligação é adquirida sem o uso de palavras, é uma elaboração da mente dele. A mente vai sendo criada à medida que ele vai usando as competências já mencionadas. A mente é o resultado de tudo o que ele adquiriu. As consequências, para o bebê, do desenvolvimento das competências mentais consistem na elaboração da sua própria mente, da sua percepção geral do mundo que o rodeia, o que tudo junto vai levá-lo a criar a sua vivência, o seu percurso, a sua história. No fundo, falamos das competências mentais para chegarmos às elaborações mais complexas do pensamento. As mentais é que nos levam a perceber o mundo, são a tomada de consciência do que nos rodeia.

Segundo Bion, do bebê, espera-se o gradual desenvolvimento das suas capacidades psíquicas, apoiado no seu desenvolvimento neurofisiológico, psicomotor, cognitivo e

emocional. Ele nasce com uma predisposição para se vincular, liga-se desde muito cedo a outros seres humanos, pesquisa o mundo, procura a sua autonomia, tendo para isso, em seu poder, um aparelho mental rudimentar dado através dos órgãos dos sentidos. Portanto, entende-se que já Bion, em 1963, havia percebido que o aparelho mental do bebê se vai construir devido ao que lhe chega através dos órgãos dos sentidos, ou seja, das competências sensoriais que ele depois organiza. Compete à mãe traduzir e dar um significado emocional às experiências do bebê expressas através dos seus órgãos sensoriais, compete à mãe, com a sua capacidade de pensar e com a sua intuição (capacidade contentora da mãe), promover as necessárias mudanças relacionais com o bebê para que ele continue a crescer fisiológica e psiquicamente. Para o mesmo autor, “é a capacidade de tolerância à frustração do bebê face às ausências de respostas da mãe que lhe irá permitir aprender com a experiência emocional, inaugurando-se dessa forma o pensar humano” (Bion, 1963, citado por Lourenço, 2005, p.45). Se a primeira experiência que um recém-nascido pode vivenciar resulta de uma necessidade insatisfeita, vai ser a possibilidade de tolerar tal estado que lhe vai promover a capacidade de estruturar o pensamento, de desenvolver operações mentais válidas para prover às suas necessidades. Se não conseguir suportar esse desprazer, o pensamento não nasce. “Para que nasça o pensamento, é necessário que a frustração seja, pelo menos em parte, suportada” (Imbasciati, 2003, p. 150). Bion (1962, citado por Imbasciati, 2003) reforça que quando a fuga à dor contém a tendência para a auto-destruição, vista como a única solução possível, funciona no sentido da destruição da organização mental do sujeito, isto é, do sistema de pensar e sentir.

O bebê possui, à nascença, um aparelho neurológico, fisiológico e psicológico surpreendente e único que faz dele um ser de comunicação, orientado para o adulto. No entanto, estas competências não lhe permitem viver sozinho, razão pela qual precisa do adulto para lhe organizar as suas percepções, dar forma ao seu pensamento, metabolizar as suas emoções, assumir o seu corpo e superar as suas carências (Alvarez & Golse, 2009). E nunca será de mais, a qualidade de cuidados prestados pelos pais para os ajudar a tornar mais saudáveis, sensíveis, intuitivos e curiosos. Aliás, a função organizadora “dos outros” ganha ênfase ao verificarmos o modo como a neurobiologia nos permite perceber a vida mental como a auto-organização nervosa, o mental vai organizar o cerebral (Sá, 2003c). Se o bebê se desenvolver normalmente, percebe a pouco e pouco que existe como um sujeito único, rodeado de outros sujeitos únicos e vai organizando as diferentes etapas do funcionamento mental progressivamente (Alvarez & Golse, 2009). Segundo Sá (2009), as mães não são

necessárias para o desenvolvimento dos bebês. São, isso sim, uma “mais-valia”, assim elas se consigam adequar às competências dos bebês. Não é que o autor esteja a sobrevalorizar as competências dos bebês, mas está simplesmente a demonstrar que os bebês são tanto corpo como pensamento, só são bebês diante da nossa arrogância: os bebês têm autonomia, são atentos e intuitivos, imaginam e aprendem e pensam (Sá, 2003a).

A mãe também pode ser considerada uma “mais-valia” na medida em que funciona como “um esquema mental, um pré-requisito filogenético, que torna o bebê competente para a relação” (Sá, 2004, p. 132). O mesmo autor acrescenta que as experiências de comunhão feto-mãe são o garante da vida mental, são elas que nos dão vida e quem promove a transformação. A vida mental é um percurso que vai da comunhão à comunhão (Sá, 2009) e quando as experiências de comunhão são mediadas pela decepção, vai existir a doença psíquica. Também Spitz percebeu a função vital da presença materna, desde muito cedo na maturação mental, sem a qual poderia vir a existir um quadro depressivo invasivo e brutal. Também os estudos de Harlow deram ênfase à forma como o contacto físico e a proximidade vinciativa, mesmo sem uma resposta activa, teriam uma função essencial na integração das experiências, o que Zazzo reforçou com a afirmação “a necessidade de amor não se alimenta só de leite” (Sá, 2004, p. 124).

Também para Matos (2006), a mente desenvolve-se na relação com o outro e o bebê representa a relação com a mãe. Através dela vai-se conhecendo, no afecto e pelo afecto. A mãe apresenta o mundo à criança, através da relação diádica, e a curiosidade do bebê ajuda a descobri-lo. A mensagem do autor é essencialmente: “o bem-estar interior do bebê, a sua sensação geral de vitalidade e o seu sentimento de plenitude e felicidade (...), assim como o futuro da sua saúde mental e o desejo de viver e produzir, é determinado pela qualidade, congruência e força dos afectos e projectos que tecem e enriquecem a dimensão relacional da vida. É com amor e sonho, partilha e esperança que se cresce e cria”. E resume: “sem relação não há vida mental que se veja, sinta e dignifique” (Matos, 2006, pp. 48-49). Conclui-se que é mais um autor que concorda que, é na existência da relação precoce, que se elaboram as bases da vida mental.

A possibilidade do bebê ser capaz de organizar operações mentais exactas, que lhe permitem utilizar cada vez mais elementos perceptivos e sensoriais, que se vão transformar em recordações, depois em imaginações, a seguir em fantasias e depois em pensamentos, vai

dependem da relação mãe-bebé e do estabelecimento de um meio de comunicação entre eles, através do qual o bebé aprende (Imbasciati, 2003).

Gonçalves (2003) afirma que a comunicação mãe-bebé é importante para o desenvolvimento da vida psíquica da criança e que devemos perceber o bebé como agente da sua própria mudança. Para a autora, damos cada vez mais importância ao funcionamento mental do bebé e ao impacto que tem na qualidade das interações precoces.

Os bebés “falam” connosco mais subtilmente: sentem os nossos abraços, aceitam ou esquivam-se ao nosso olhar e manifestam uma grande preferência pelo diálogo pele-a-pele (Reis, 2003). As sensações, afectos e percepções favorecem o desenvolvimento de uma pele-psíquica e com ela desenvolve-se o pensamento (Boubli, 2001). A pele-psíquica de Bick consiste numa mãe prestadora de cuidados que tem um papel importante na organização psíquica do bebé procurando organizar os conteúdos internos deste e cuja capacidade passa pela forma como segura, fala e toca no seu bebé (Lourenço, 2005). Por tudo isto, percebe-se que o bebé nasce com todo um aparelho mental que, claro que ainda não está completamente desenvolvido, mas que lhe vai permitir contactar com o mundo externo e criar o seu próprio mundo interno, num processo contínuo de transformação e aprendizagem sempre em meios relacionais (Reis, 2003).

Eduardo Sá (2004) refere que os recursos psíquicos dos fetos e dos bebés se traduzem num plano mental por um pensamento pré-verbal (sustentado através dos ritmos, como o embalamento, do tom de voz que as pessoas baixam para se adequarem aos bebés, do diálogo pelo olhar, pela expressão gestual, pela mímica) e num plano da neurobiologia por esquemas mentais. São estes esquemas mentais, na sua opinião, que tornam os bebés pré-competentes para performances mentais e relacionais. Entenda-se com isto que o sistema nervoso dos bebés lhes permite receber, associar e integrar informação que organiza criando uma memória e uma experiência, um pensamento, ou seja, os bebés pensam antes mesmo de serem capazes de pensar os próprios pensamentos. O mesmo autor afirma não se tratar de competências, mas sim, da sabedoria do bebé (Sá, 2003b). Exemplificando, os bebés pensam, na medida em que conseguem aperceber-se que o objecto precoce é aquela figura que os satisfaz, mas efectivamente ainda não conseguem pôr isso por palavras (como nós o fazemos). Supõe-se que é nesta medida, que o autor refere que se pensa antes de se pensar os próprios pensamentos.

Em que consiste, então, a vida mental para este autor? Caracteriza-se pelo chamado funcionamento reflexivo em que o bebé opera automaticamente através das memórias implícitas, a tal forma de pensar à margem da intencionalidade de pensar, e caracteriza-se pela capacidade de mentalizar, em que a vida pulsional e afectiva do bebé se transforma em formas simbólicas, formando representações psíquicas que ligam experiências básicas a imagens e palavras. Quando verbaliza, acede a estes símbolos e expressa-se. O autor resume: “o bebé tem uma actividade pulsional, um funcionamento reflexivo, mentaliza e constrói espaços potenciais, antes de simbolizar” (Sá, 2009, p. 79).

No momento do nascimento, os sistemas receptores das competências sensoriais - olfacto e paladar - são activados e passam a ser enviados para o cérebro, tendo o bebé necessidade de organizar estas aferências em algo de interno, de maneira que possa ser utilizado mentalmente. É muito provável que as mensagens olfactivas e do paladar, no recém-nascido, sejam uma grande parte da sua experiência. Todo este conjunto de dados brutos necessita de ser organizado em algo significativo para o bebé e são eles que vão realizar as primeiras operações mentais que constituem a estrutura de base do bebé. Ele vai “ler” as suas competências e quando adquire a capacidade de obter um resultado completo a partir dessa leitura, obtém uma correspondência entre o objecto externo e a sua representação, o que lhe vai permitir a percepção, o reconhecimento. Ou seja, “para que tudo isto adquira um carácter psíquico, é necessário que seja transformado em percepção com o reconhecimento da parte tocada, o que implica que as várias aferências sejam organizadas e comparadas nos seus traços” (Imbasciati, 2003, p. 105). Supõe-se que se pode concluir que as primeiras actividades mentais se servem das informações recebidas das diferentes percepções sensoriais.

Importa compreender que a expressão das competências do recém-nascido não é automática, mas depende de variáveis como as condições de apresentação do estímulo, o estado de vigiância (Golse, 2007). Para o autor, as competências interactivas, as competências sensoriais, as competências motoras, têm como pano de fundo a capacidade da criança para regular os seus estados de vigiância. Esta consiste no grau de disponibilidade da criança relativamente aos estímulos que lhe chegam do meio que a rodeia. A criança tem de ter domínio sobre estes estímulos, filtrá-los e peneirá-los porque é confrontada, no início da sua vida “com um verdadeiro bombardeamento sensitivo-sensorial e porque o aparelho psíquico só pode trabalhar correctamente com pequenas quantidades de energia” (Golse, 2007, p. 40). Cabe ao adulto filtrar uma parte destes estímulos para que a criança não os tenha nem a mais nem a menos, ou seja, evitar que ela corra o risco de carência ou de

sobreestimulação. Outra parte fica a cargo da própria criança quando ela reduz, por exemplo, a sua capacidade de atenção face a estímulos repetitivos. O adormecimento pode em algumas situações ser um mecanismo de defesa que permite à criança fugir de uma atmosfera relacional que, para ela, está a ser demasiado excitante ou destabilizadora. A criança mostra-se, desde muito cedo, competente nesta regulação, competência essa que é fundamental e que vai condicionar a eficácia das outras competências de que dispõe.

Em condições normais, o bebé e o seu cuidador parecem estabelecer um sistema transicional governado por regras e baseado em laços recíprocos e numa retroacção interpessoal contínua. O desenvolvimento precoce adapta-se e organiza-se. Dentro de condições favoráveis, o educador facilita uma adaptação mútua unindo o seu comportamento ao do bebé, o que mostra bem o papel dos processos reguladores intra e inter-pessoais dentro dos sistemas bebé-cuidador. Assim, pode-se pensar que, para além da variabilidade individual dos bebés e do seu meio-ambiente à nascença, a sua história transaccional será decisiva para a evolução do seu desenvolvimento. Estamos perante uma rede complexa e organizada de relações dinâmicas: a da família, a das díades no interior da família e a da dinâmica dentro do próprio indivíduo. A todo o momento, os acontecimentos que ocorrem dentro de um dos desses campos repercutem-se no conjunto e facilitam, modificam ou retêm os acontecimentos que ocorrem nos outros campos. É um princípio fundamental do funcionamento dos sistemas que o comportamento de um sistema depende do acordo ou das relações das suas partes, o que vai determinar a organização do todo. O princípio enunciado por Piaget de um equilíbrio adaptativo (assimilação e acomodação) é um exemplo da regra geral que regula as relações do bebé. Stierlin (citado por Wertheim, 1982) rebaptizou esta regra, estendendo este princípio como tendo o seu próprio sistema de regras que determina como o equilíbrio é estabelecido. Em cada estágio do desenvolvimento, a estabilidade do bebé depende da maneira como se dá este equilíbrio. O bebé não pode ser mais estável do que o são os elementos à sua volta. Querendo simplificar, o bebé será sempre atingido pelo meio que o rodeia: se viver num ambiente em que todos gritam e ninguém se entende, não será com certeza, o bebé a única pessoa confortável com este quadro.

O desenvolvimento exige estabilidade mas também mudança. Em condições normais, estas mudanças são precipitadas pelo aumento das capacidades e aptidões físicas, cognitivas e afectivas do bebé, criando-se novas regras a que os cuidadores sensíveis se adaptam gradualmente. As mudanças que ocorrem na família podem exercer pressão em qualquer um dos sistemas ou em todos, provocando um desvio temporário das regras estabelecidas até se

alcançar um novo equilíbrio. Esta reorganização estará na base das transformações progressivas dentro dos sistemas a que o bebé pertence. Estes processos do reequilíbrio cognitivo postulado por Piaget transformarão progressivamente as estruturas mentais do bebé. É necessário procurar, para melhor compreender, os processos através dos quais a vulnerabilidade e a invulnerabilidade individuais estão ligadas à família e aos sistemas sociais dentro dos quais os indivíduos crescem e fazem parte integrante. Parece que estes processos são regidos por leis e são organizados. Se se quer prevenir a vulnerabilidade, convém descobrir as leis bio-sociais que a governam (Wertheim, 1982). Se o modelo enunciado por Piaget, e rebaptizado por Stierlin (citado por Wertheim, 1982), for válido, os seis primeiros meses de vida têm uma importância crucial para a prevenção, dado que estes primeiros meses assentam na base da transformação do bebé no “ser humano”.

Para Nagera (1982), todas as crianças são vulneráveis e existem uma série de situações desfavoráveis que propiciam a vulnerabilidade: a negligência; os maus-tratos; a adopção; o desmembramento da família; a morte de um dos pais. Os perigos que os bebés correm até ao um ano e meio de idade desempenham um papel fundamental no desenvolvimento dos mesmos. Saudável implica não só saúde física, mas também um bom desenvolvimento intelectual, afectivo e psicológico. O bebé nasce com um cérebro extremamente imaturo e inacabado, ao ponto que lhe é preciso um ano e meio a dois anos para atingir o nível de maturidade típico do momento de nascimento dos outros mamíferos. O cérebro não consegue atingir o seu potencial ideal sem a contribuição essencial dos factores ambientais. Esta contribuição dá-se sobre a forma de diversos estímulos que devem atingir o cérebro. O autor refere que existem alguns estudos que confirmam que um estímulo ambiental (ou a sua ausência) pode modificar uma estrutura em desenvolvimento dentro do sistema nervoso central, reforçando que os dois primeiros anos de vida são o período crítico em que todos os desenvolvimentos devem ter lugar, e que existem outros estudos que provaram claramente os terríveis danos causados à personalidade e ao desenvolvimento intelectual pelo facto de se crescer em condições de carência e de ausência de estímulos, ou seja, com uma insuficiência de contacto humano e de interacções. O autor observou suficientemente o desenvolvimento humano para saber que o melhor programador do cérebro humano é uma boa interacção mãe-bebé durante os primeiros anos de vida. Desde que esta programação seja bem efectuada, muitas outras pessoas podem participar, com sucesso, na sequência deste processo. Um objecto constante, cuidados constantes e estímulos nem excessivos nem insuficientes, mas na dose certa, levam a criança a organizar as suas experiências e a organizar o seu universo.

Para Damásio (citado por Carecho, 2011), a mente e o corpo comunicam, comunicação esta, feita por sinais químicos e neurais. As informações transmitidas pelo corpo dão origem aos mapas mentais. O cérebro cria mapas para se informar a si próprio e é a consciência que permite transformar esses mapas em imagens. Quando se modificam as informações que acontecem no corpo e no cérebro, os mapas também se alteram. Uma consequência do mapeamento contínuo do cérebro é a mente. Para o autor, os constituintes primordiais da mente são os sentimentos (incluindo a dor e o prazer) e baseiam-se em sinais directos do corpo. Estes sinais são essenciais para a construção do Eu. O mapeamento das modificações sentidas pelo corpo permite ao cérebro reagir correctamente em situações que comprometam a vida, criando as emoções. Estas pertencem aos processos mentais que nos acompanham durante toda a vida. A mesma consciência mencionada pelo autor, é um estado mental em que o sujeito tem conhecimento da sua própria existência e daquela que o rodeia. Nesta consciência, o Eu assume uma grande importância.

Ao estudar-se a primeira infância, estuda-se o conceito de self como estrutura organizadora do psiquismo. Os dados de vários estudos “deram consistência à ideia que a formação e coesão do self dependem da qualidade empática das relações precoces no interior da díade mãe-criança” (Gonçalves, 2006, p.115). Acredita-se que os recém-nascidos não se vêem a si próprios como separados do meio que os envolve ou das suas relações precoces. O sentido de separação desenvolve-se através do acto de ser segurado por outro corpo, o do cuidador, e através da partida e do regresso do mesmo. A prensão, o tocar os outros e os objectos ajuda neste processo de diferenciação. O comportamento do cuidador também é importante na medida em que, se for um consistente fornecedor de segurança na forma de comida, conforto corporal, o bebé provavelmente desenvolverá gradualmente um sentido de consciência corporal confortável. Este é o começo de um conceito de self corporal. Também na interacção com o cuidador e um cuidado atencioso, o bebé começa a ver-se a si próprio como uma pessoa recíproca em proporcionar prazer e sorrisos nos outros. Como já foi dito, isto ocorre ao nível motor e sensorial porque no princípio, o bebé pensa através dos seus sentidos. É muito importante que o cuidador responda ao bebé como sendo um ser individual e espontâneo (Phillips, 1982). Compreende-se que o self é o fruto de tudo o que o bebé sentiu, viu, ouviu e percebeu e que lhe permitiu elaborar a sua mente.

Para Stern (citado por Gonçalves, 2006), a formação do self passa por quatro estádios: aos 2 meses de idade, o self emergente, em que o latente estabelece ligações entre as várias modalidades perceptivas; a seguir a fase do self nuclear, aos 6 meses em que toma

consciência da coesão física e subjectiva do self; depois o self subjectivo, aos 15 meses em que começa a ter consciência das experiências intersubjectivas; tudo isto abre caminho ao self verbal.

2. Os pais

Concepção dos pais acerca das competências dos bebés

Já Winnicott, em 1975(a), afirmava que apesar de algumas pessoas pensarem nos bebés, até aos seis meses de idade, como nada mais do que corpos e reflexos, as mães vêem, desde sempre, a pessoa que há nos seus próprios bebés, pois como o autor diz, ninguém pode conhecer melhor um bebé do que a sua mãe.

É importante dar a conhecer aos pais as reais competências dos seus bebés, pois uma mãe que acha que o seu filho não é capaz de interagir com ela, não o estimulará nesse sentido, por exemplo, não procurará o contacto visual nem falará com ele numa posição de face a face. Deste modo, o bebé que não é estimulado também não demonstrará tão bem as suas capacidades, o que contribui para reforçar as crenças de incompetência que a mãe tem em relação a ele. Assim, uma intervenção simples com a mãe faria todo o sentido para a sensibilizar para as extraordinárias competências do seu bebé, mudando desta maneira a forma como a mãe interage com o bebé. Com esta intervenção, a mãe pode “tornar-se mais sensível às capacidades únicas do seu bebé, adequar as suas expectativas de acordo com elas e exercer níveis de estimulação mais ajustados, os quais desencadearão no recém-nascido comportamentos sociais mais reforçadores” (Santos, 1993, p. 52). De acordo com a autora, sensibilizar os pais para as capacidades desenvolvimentais e interactivas dos seus filhos torná-los-á mais atentos e estimulantes, melhorando assim, as interacções entre pais e filhos. A autora afirma ainda que, seria importante haver um aconselhamento nas maternidades para sensibilizar as mães para as competências dos filhos e esclarecer as dúvidas e receios das mesmas, o que poderá contribuir para que a mãe se sinta mais confiante no modo de lidar com o bebé, bem como mais atenta aos seus comportamentos e às oportunidades de diálogo que lhe proporciona.

Brazelton (citado por Lourenço, 2005) também afirma que, se os pais estiverem informados desde o nascimento, das reais competências dos seus bebés, melhor se conseguem adaptar a estas e melhor as conseguem compreender, permitindo assim, uma melhor evolução

dos estados mentais do seu bebé. Os pais, que valorizam e apreciam a extraordinária gama de comportamentos que existe no repertório de uma criança, estão preparados para enriquecer o diálogo com o seu bebé (Brazelton & Cramer, 2007). Para isso, os pais têm que ser ajudados na identificação dos factores e atitudes que favorecem o desenvolvimento das competências do bebé (Lourenço, 2005).

De acordo com Brazelton & Cramer (1989/2001), Gomes-Pedro (1985) e Stern (1985/1992) citados por Diniz (2009) faz todo o sentido pensar o bebé em conjunto com os seus pais, pois é a partir desta relação que se desenvolverão as competências do bebé, não só físicas e cognitivas, como também emocionais e psíquicas. Os mesmos autores afirmam que o bebé, quando nasce, tem imensas competências comportamentais e relacionais, tendo deste modo, um papel activo na relação com os seus pais. Afirmam ainda, que é através das suas capacidades para influenciar os comportamentos dos seus pais e da disponibilidade parental para o compreender, que se estabelece uma forte relação entre eles. Diniz (2009) afirma que é importante que os pais percebam as reais competências do seu bebé para se afastarem daquelas que tinham construído sobre ele, pois só assim, surgirá a verdadeira ligação. É através desta ligação que a criança desenvolverá as suas características psíquicas, como “sentimento de si, temores, medos e afeições; sentimentos em relação aos outros e ao relacionamento que se pode estabelecer entre estes; juízos acerca do bom e do mau, do feio e do belo; ideias acerca da vida e da morte, do humor e da tristeza” (Lebovici, 1994, citado por Diniz, 2009, p. 146).

O conhecimento dos pais é fundamental para a sua avaliação e interpretação sobre os comportamentos e desenvolvimento dos seus filhos e para guiar as decisões que têm de tomar todos os dias acerca do cuidado a dar às suas crianças. Os conhecimentos dos pais são também particularmente relevantes para a prática pediátrica, pois os pais são a principal fonte de informação sobre a criança para o clínico. As mães e os pais são muitas vezes questionados sobre as expectativas, opiniões e preocupações sobre a saúde dos seus filhos e o desenvolvimento durante as visitas ao pediatra (Ribas Jr. & Bornstein, 2005).

A importância dos pais em conhecerem as competências dos bebés é reforçada por Pedro (2004), que afirma que a incapacidade dos pais em se adaptarem às competências e características individuais do seu bebé inviabiliza uma criação sólida dos primeiros vínculos, o que afectará os afectos, as emoções e uma fiel adaptação social.

De acordo com Moura, Ribas Jr., Piccinini, Bastos, Magalhães, Vieira, Salomão, Silva & Silva (2004), o conhecimento do desenvolvimento infantil influencia a interação entre pais e filhos, por exemplo, se os pais pensam que os bebês não vêm depois do nascimento, é natural supor que eles acabam por criar poucas oportunidades de estimulação visual. Os autores mencionam uma revisão de literatura sobre o conhecimento parental realizada em 2003, por Ribas et al., onde foi verificado que o conhecimento dos pais sobre o desenvolvimento infantil afecta os comportamentos parentais e o desenvolvimento da criança. Os pais que têm algum conhecimento sobre o mesmo, e as suas etapas principais, têm expectativas mais razoáveis sobre o comportamento dos seus filhos e, deste modo é mais provável agirem de forma mais adequada. Assim, os pais podem tomar decisões mais apropriadas sobre os cuidados infantis. Contudo, os pais que desconhecem estas etapas sofrem por não conseguirem fazer corresponder as suas expectativas às reais possibilidades das crianças, podendo agir incorrectamente, trazendo sérias consequências às crianças.

Retribuir um sorriso, imitar os sons acrescentando outros sons, adaptando os ritmos aos seus comportamentos, a mãe consegue entrar no universo do bebé e permite que ele chegue até ela. “Quando uma mãe se apercebe de que os ritmos do bebé estão subjacentes à capacidade deste para lhe dar atenção, sincroniza o seu próprio comportamento com o do bebé” (Brazelton & Cramer, 2007, p. 131).

Pimentel (1996) explica que a forma como os pais compreendem o desenvolvimento influencia a forma como as crianças são educadas e, deste modo, o seu futuro. Pimentel (1996) cita uma frase muito interessante que corrobora o que foi dito até aqui: “a forma como os pais pensam acerca das crianças tem forçosamente um impacto naquilo que fazem com elas... A própria interpretação do comportamento das crianças está dependente do nível de compreensão que se tem do processo de desenvolvimento” (Sameroff & Feil, 1985, citado por Pimentel, 1996, p. 64), ou seja, entende-se que quanto menos os pais percebem ou sabem acerca dos seus bebês, mais isso pode perturbar a interacção com eles.

Diversos estudos têm mostrado que as cognições parentais sobre o desenvolvimento humano influenciam a forma como os pais se relacionam com os seus filhos e que esses comportamentos influenciam o próprio desenvolvimento infantil. Deste modo, Ribas Jr., Moura e Bornstein (2007) afirmam que um melhor entendimento das cognições parentais contribui para um melhor entendimento do desenvolvimento infantil.

Santos no seu estudo, em 2001, cita um outro estudo seu realizado em 1990, onde entrevistou mães de recém-nascidos, entrevistas estas que permitiram perceber que nem todos os pais conhecem as competências dos bebês. Neste estudo verificou-se que 45% das mães pensava que o seu bebê só via “luz e escuro (sombrias)” ou não via nada, 35% achava que o seu bebê via “objectos e pessoas, mas não claramente”, os outros 20% das mães referiu que o seu filho via “quase tudo, tão bem como nós”. Em relação às competências auditivas, 60% das mães considerava que o seu bebê “ouve quase tudo, tão bem como nós”, enquanto 40% pensava que o bebê “só ouve alguns sons”. Quando se fez a pergunta “Acha que o seu bebê a reconhece?”, 76% das mães responderam que sim, algumas destas disseram que os seus filhos as identificam através da fala, outras pela visão e outras pelo contacto físico (Santos, 2001).

O estudo de Moura, Ribas, Seabra, Pessôa, Ribas Jr. & Nogueira (2004) teve como um dos principais objectivos, perceber qual a concepção das mães acerca das competências dos bebês, utilizando o *Questionário sobre a Concepção de Competências do Bebê Recém-Nascido*. Os resultados deste estudo são um pouco diferentes do estudo anterior, pois indicam que as mães têm uma visão positiva das competências dos bebês. As mães avaliaram, assim, de forma bastante positiva as competências dos bebês recém-nascidos, considerando-os como seres activos e participantes das trocas sociais. Também Diniz (2009) concluiu que os pais se mostram atentos às características dos seus bebês, considerando-os como competentes a nível relacional. Os resultados de Moura (et al., 2004) evidenciaram, ainda, uma congruência entre a avaliação que as mães atribuem aos seus próprios filhos e a forma como se relacionam com eles. Deste modo, parece que quanto mais as mães consideram os bebês competentes, mais lidam com eles como interlocutores e realizam mais frequentemente actividades comunicativas como falar e sorrir. Segundo Brazelton & Cramer (1992, citados por Moura, Ribas, Seabra, Pessôa, Ribas Jr. & Nogueira, 2004), as mães apresentam a capacidade de reconhecer as necessidades, preferências, limites do bebê e reconhecem ainda a forma peculiar de comunicação dos bebês, ajustando o seu comportamento a esses aspectos. Há um papel activo do bebê no mundo e nas relações diádicas.

No estudo de Pinho (2009), a maior parte dos pais concorda que os conhecimentos acerca das capacidades sensoriais do recém-nascido são importantes para a promoção e desenvolvimento dessas capacidades, o que vai permitir uma melhor compreensão das suas características individuais e satisfazer as suas necessidades, interpretar e responder aos estímulos emitidos pelo bebê. Reconheceram também que seria importante para o fortalecimento da relação afectiva pais - recém-nascidos, pois sentem-se mais seguros e

melhor preparados para desempenhar os seus papéis de pais e mães. Por isso, a autora afirma que o puerpério deve ser um período privilegiado para a educação para a saúde ao nível dos conhecimentos das capacidades sensoriais do recém-nascido.

Os resultados do estudo de Ribas Jr., Moura e Bornstein (2007) demonstraram que as mães que participaram no estudo acertaram em média 63% das questões do KIDI – Inventário de Conhecimento do Desenvolvimento Infantil -, o que revela um nível razoável de conhecimento do desenvolvimento infantil. Os autores afirmam que este conhecimento poderia aumentar, por exemplo, com um curso para pais. Os resultados deste estudo não apresentaram diferenças significativas no nível de conhecimento infantil das mães, em relação a estudos idênticos realizados na Argentina e no Japão. No presente estudo, observou-se que mães com maior escolaridade e estatuto económico apresentaram um maior conhecimento do desenvolvimento infantil, mas não foi encontrada uma diferença significativa com a idade das mães. Contudo, os autores mencionam um estudo de Benasich e Brooks-Gunn (1996) com mães adultas e mães adolescentes onde é referido que existe, de facto, uma diferença no conhecimento sobre os bebés, quando se comparam mães de faixas etárias diferentes: as mães adultas e com maior escolaridade tendem a ter mais conhecimento sobre o desenvolvimento infantil. Os autores revelam ainda que estudar as cognições parentais é da máxima importância para entender a psicologia parental e o próprio desenvolvimento infantil.

No estudo de Moura, Ribas Jr., Piccinini, Bastos, Magalhães, Vieira, Salomão, Silva & Silva (2004), foi comprovado que o nível de educação das mães apresentou maior índice de correlação com o conhecimento do desenvolvimento infantil do que o nível socioeconómico das famílias e a idade das mães. Ficou, deste modo, provado neste estudo, a importância da escolaridade materna em relação às cognições parentais e aos conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil, o que veio a ser confirmado no estudo primeiramente citado. Como esse conhecimento tem uma grande influência nesse mesmo processo de desenvolvimento, os autores alertam que seria fundamental priorizar e aumentar as oportunidades de educação para mulheres e mães.

No estudo de Ribas Jr. e Bornstein (2005) foi verificado que o conhecimento parental acerca do desenvolvimento das crianças e das suas competências difere significativamente entre os diversos grupos culturais e é influenciado pelo comportamento dos pais. Os autores chegaram à mesma conclusão que os autores do estudo anterior, ou seja, descobriram que a educação das mães e dos pais tem um papel importante no seu conhecimento parental, pois os

pais com mais educação mostraram maior conhecimento parental. Mas, as mães apresentaram mais conhecimento parental do que os pais, mesmo quando foi tida em conta a educação. Neste estudo, a idade dos pais não surgiu como um factor importante para o seu conhecimento parental, o que vem de encontro, novamente, aos resultados do estudo anterior. Os autores citam um estudo realizado, em 2000, por Williams, Williams, Lopez e Tayko onde também foi verificado que as mães de meios urbanos e as mães com mais educação, tinham expectativas mais elevadas sobre o desenvolvimento, por exemplo, acreditavam que as crianças começam a sentar-se e a falar mais cedo. Assim, as mães com maiores expectativas também reportaram implementar mais cedo uma variedade de práticas específicas de criar a criança, como por exemplo, falar com o bebé, contar histórias, ler o primeiro livro, introduzir comidas sólidas, ensinar competências cognitivas como o nome das cores.

II. Método

Amostra

A amostra deste estudo é composta por 52 participantes, todos eles pertencentes ao distrito de Lisboa, Portugal, com idades compreendidas entre 16 e 50 anos, o que perfaz uma idade média de 29 anos, sendo 11 (21.2%) homens e 41 (78.8%) mulheres, a maioria das pessoas casada (67.3%). São pais de crianças com idades compreendidas entre apenas 5 dias e dois meses de idade, tendo a maioria (46.2%) das crianças dois meses. Para a maioria dos pais inquiridos (59.6%), este é o primeiro filho.

De todos os participantes, 24 (46.2%) têm o 9º ano de escolaridade, 12 (23.1%) têm o 12º ano de escolaridade e 16 (30.8%) têm uma licenciatura. Nenhum dos participantes tem o grau académico de mestrado ou doutoramento. Dos 52 participantes, apenas 8 (15.4%) não trabalham. Dos que trabalham, 14 (26.9%) pertencem à categoria dos Especialistas das actividades intelectuais e científicas; 12 (23.1%) pertencem à categoria dos Trabalhadores dos Serviços Pessoais, de protecção e segurança; 7 (13.5%) fazem parte do Pessoal Administrativo; 6 (11.5%) incluem-se na categoria dos Trabalhadores não qualificados; 4 (7.7%) são Trabalhadores qualificados da indústria; 1 (1.9%) deles é um Técnico de nível intermédio e outro (1.9%) faz parte dos Operadores de Instalação e Máquinas. Os restantes 13.5% dizem respeito aos inquiridos que não escreveram a sua profissão.

Instrumento

Neste estudo, foi utilizado o *Questionário sobre a Concepção de Competências do Bebê Recém-Nascido (QCBR)* da autoria de Ribas e Seidl de Moura (1995), composto por uma primeira parte sobre alguns dados sócio-demográficos e uma segunda parte com 35 itens distribuídos em três áreas: área I – Capacidades sensoriais e de imitação que possibilitam ao bebé um conhecimento do mundo e das outras pessoas (itens 4, 7, 8, 9, 10, 11, 16, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34 e 35); área II – Diferenças individuais entre bebés e a sua capacidade de interagir com o mundo e pessoas (itens 1, 5, 6, 15, 17, 18, 22, 25 e 32); área III – Possibilidade de participação ou alheamento nas interações (itens 2, 3, 12, 13, 14 e 19). Este questionário apresentou um índice de fidedignidade de 0.86 pelo método de metades (split-half) de Guttman. Os itens são compostos por uma citação com cinco hipóteses de resposta (concordo plenamente, concordo, não concordo nem discordo, discordo e discordo plenamente), sendo cotados entre 0 e 4 pontos.

Procedimento

Foi pedido autorização às autoras do Questionário para a utilização do mesmo através de e-mail, a qual foi prontamente concedida. Posteriormente, procedeu-se à recolha de dados, sendo que alguns dos questionários foram preenchidos num Centro de Saúde, outros através de uma assistente social que está em contacto diário com pessoas que foram pais recentemente.

Foi devidamente explicado aos participantes o objectivo do estudo, frisando que este se refere a crianças até aos dois meses de idade, informando-os acerca do modo de preenchimento do Questionário e da sua duração aproximada de 10 minutos. Os participantes foram devidamente e criteriosamente informados que a sua participação seria anónima e completamente voluntária, não sofrendo qualquer coacção se não estivessem predispostos ao preenchimento, nem qualquer gratificação pela sua participação. Foi pedido aos participantes que preenchessem o Questionário individualmente.

Após a recolha dos questionários, procedeu-se à análise dos dados através do programa SPSS.

III. Resultados

Numa pontuação de 0 a 4, os pais deste estudo obtiveram uma pontuação geral média de 3.02, o que nos parece revelar que têm um conhecimento suficientemente bom sobre as competências dos bebés recém-nascidos.

Em relação às três áreas em que o questionário está distribuído, é de realçar um maior conhecimento por parte dos pais nas áreas II e III, que dizem respeito às diferenças individuais entre bebés e à sua capacidade para interagir e a possibilidade de participação ou alheamento nas interações, onde a média é respectivamente 3.19 e 3.17, estando assim, estas duas áreas superiores à média geral. Já na área I, que está relacionada com as capacidades sensoriais e de imitação dos bebés, o conhecimento dos pais é um pouco inferior ($X=2.89$).

O item onde houve uma maior discrepância de pontuação foi o item 21 “O bebé é capaz de imitar a mãe quando esta lhe mostra a sua língua” onde os pais apresentam uma média consideravelmente mais baixa ($X=1.63$), o que pode representar que os pais efectivamente pensam que os seus bebés, numa idade tão precoce, ainda não são capazes de imitar a mãe. Em contrapartida, o item onde houve uma maior pontuação foi o item 20 “O bebé consegue distinguir o som da voz da pessoa que cuida dele do som da voz das outras pessoas”, onde as respostas incidiram sobretudo nas hipóteses “concordo plenamente” (63.5%) e “concordo” (28.8%), que para esta pergunta são as respostas com a pontuação mais elevada, o que demonstra que os pais têm consciência e já se aperceberam claramente que até aos 2 meses de idade, o bebé consegue, sem dúvida nenhuma, distinguir o som da voz da mãe do som da voz das outras pessoas.

Pergunta 20	Frequências	Percentagens	Média
Discordo	2	3.8	
Não concordo nem discordo	2	3.8	
Concordo	15	28.8	
Concordo plenamente	33	63.5	
Total	52	100.0	3.52

Procede-se de seguida a uma análise mais detalhada dos resultados, uma análise item a item.

1. Os olhos do bebé procuram o rosto dos pais quando eles pegam no bebé acordado, ao colo.

Em relação ao item 1, os pais reconhecem que os bebés, quando são pegados ao colo, procuram o rosto dos seus pais, pois 44.2% dos pais concorda com a afirmação e outros 44.2% concordam plenamente, havendo uma pequena percentagem (9.6%) que não expressa a sua opinião, o que perfaz uma média total de 3.31, revelando assim, um bom conhecimento dos pais.

Pergunta 1	Frequências	Percentagens	Média
Discordo	1	1.9	
Não concordo nem discordo	5	9.6	
Concordo	23	44.2	
Concordo plenamente	23	44.2	
Total	52	100.0	3.31

2. O bebé é afectado pelo ambiente que o cerca, podendo mostrar-se agitado ou tranquilo dependendo desse ambiente.

Relativamente ao item 2, a média é um pouco mais baixa ($X=3.17$), mas também revela que os pais conseguem reconhecer que o bebé é afectado pelo ambiente que o cerca, podendo-se mostrar agitado ou tranquilo dependendo desse ambiente. Nesta questão, a resposta mais dada pelos pais foi “concordo” (61.5%), seguida de “concordo plenamente” (30.8%). Apenas uma pequena percentagem dos pais (5.8%) pensa que o bebé não é afectado pelo ambiente.

Pergunta 2	Frequências	Percentagens	Média
Discordo	3	5.8	
Não concordo nem discordo	1	1.9	
Concordo	32	61.5	
Concordo plenamente	16	30.8	
Total	52	100.0	3.17

3. *Como o bebê não se sabe expressar, ele e os adultos que estão à sua volta não comunicam.*

Quanto ao item 3, a média das respostas dos pais é 3.29, o que revela que os pais têm consciência de que os bebês se sabem expressar e que os bebês comunicam com os adultos. Como este item está formulado na negativa, as respostas correctas nesta pergunta são “discordo” e “discordo plenamente”. Assim sendo, a maioria das respostas dos pais estão correctas, pois 44.2% dos pais respondeu “discordo” e 46.2% respondeu “discordo plenamente”.

Pergunta 3	Frequências	Percentagens	Média
Concordo plenamente	1	1.9	
Concordo	2	3.8	
Não concordo nem discordo	2	3.8	
Discordo	23	44.2	
Discordo plenamente	24	46.2	
Total	52	100.0	3.29

4. *O bebê não distingue o rosto da sua mãe do rosto das outras pessoas.*

No item 4, os pais também revelam um bom conhecimento das competências dos bebês ($X=3,12$). Ainda assim, 11.5% (7.7%+3.8%) dos pais pensa que o bebê não distingue o rosto da sua mãe do rosto das outras pessoas. Já 86.5% (42.3%+44.2%) dos pais acreditam que o bebê distingue o rosto da mãe.

Pergunta 4	Frequências	Percentagens	Média
Concordo plenamente	4	7.7	
Concordo	2	3.8	
Não concordo nem discordo	1	1.9	
Discordo	22	42.3	
Discordo plenamente	23	44.2	
Total	52	100.0	3.12

5. *Os bebés, quando nascem, não são muito diferentes uns dos outros.*

O item 5 já teve uma média total mais baixa ($X=2.77$), o que pode indicar que os pais tiveram mais dificuldade em reconhecer os bebés como diferentes uns dos outros, pois 19.2% dos pais concordou que os bebés, quando nascem, não são muito diferentes uns dos outros e 7.7% dos pais não concordou nem discordou. 50% dos pais discordou e somente 23.1% discordou plenamente da afirmação.

Pergunta 5	Frequências	Percentagens	Média
Concordo	10	19.2	
Não concordo nem discordo	4	7.7	
Discordo	26	50.0	
Discordo plenamente	12	23.1	
Total	52	100.0	2.77

6. *Os bebés não são todos iguais, alguns são mais calmos e outros mais agitados.*

Relativamente ao item 6, apenas 2 participantes (3.8%) não responderam que concordavam ou concordavam plenamente que os bebés não são todos iguais, pois alguns são mais calmos, outros mais agitados, o que revela um bom conhecimento da parte dos pais em relação à individualidade de cada bebé, também visível pela média elevada ($X=3.37$).

Pergunta 6	Frequências	Percentagens	Média
Discordo	1	1.9	
Não concordo nem discordo	1	1.9	
Concordo	28	53.8	
Concordo plenamente	22	42.3	
Total	52	100.0	3.37

7. *O bebé não é capaz de ver os brinquedos à sua volta.*

A média das respostas dos pais no item 7 é mais baixa ($X=2.48$). 9.6% dos pais concordaram plenamente, 11.5% dos pais concordaram que os bebés não são capazes de ver os brinquedos à sua volta e 13.5% dos pais não concordaram nem discordaram. 65.4% (51.9%+13.5%) dos pais reconheceram que o bebé é, de facto, capaz de ver os brinquedos à sua volta.

Pergunta 7	Frequências	Percentagens	Média
Concordo plenamente	5	9.6	
Concordo	6	11.5	
Não concordo nem discordo	7	13.5	
Discordo	27	51.9	
Discordo plenamente	7	13.5	
Total	52	100.0	2.48

8. *O bebé e a mãe comunicam através dos sons (ou seja, as falas da mãe e os galreios do bebé), das expressões do rosto e dos gestos que fazem um para o outro.*

O item 8 já tem uma média total de respostas mais elevada ($X=3.37$). 46.2% dos pais concordaram e 46.2% dos pais concordaram plenamente que o bebé e a mãe comunicam através dos sons, das expressões do rosto e dos gestos que fazem um para o outro, apenas um dos pais não concordou com esta afirmação.

Pergunta 8	Frequências	Percentagens	Média
Discordo	1	1.9	
Não concordo nem discordo	3	5.8	
Concordo	24	46.2	
Concordo plenamente	24	46.2	
Total	52	100.0	3.37

9. *O bebé prefere olhar para rostos a olhar para objectos.*

Neste item, pode-se perceber que houve alguma dúvida pela parte dos pais, pois 32.7% respondeu que não concorda nem discorda, enquanto 9.6% dos pais afirmou que discordava que o bebé prefere olhar para rostos a olhar para objectos. 32.7% dos pais concordam e 25% dos pais concordam plenamente que o bebé prefere olhar para rostos a olhar para objectos.

Pergunta 9	Frequências	Percentagens	Média
Discordo	5	9.6	
Não concordo nem discordo	17	32.7	
Concordo	17	32.7	
Concordo plenamente	13	25.0	

Total	52	100.0	2.73
--------------	----	-------	------

10. Quando o bebé olha para o adulto e quando o adulto mexe a sua cabeça, virando-a para o outro lado, o bebé acompanha com os olhos o movimento do adulto.

Quanto ao item 10, a média de respostas é baixa ($X=2.17$). Apenas 30.8% dos pais concordam e 17.3% dos pais concordam plenamente (resposta correcta) que o bebé quando olha para o adulto e este mexe a sua cabeça, o bebé acompanha com os olhos o movimento do adulto. 9.6% dos pais discordam e 28.8% dos pais discordam plenamente da afirmação.

Pergunta 10	Frequências	Percentagens	Média
Discordo plenamente	5	9.6	
Discordo	15	28.8	
Não concordo nem discordo	7	13.5	
Concordo	16	30.8	
Concordo plenamente	9	17.3	
Total	52	100.0	2.17

11. Um bebé não se mostra mais atento ao rosto da sua mãe do que ao rosto de outras pessoas.

No item 11, já houve mais pais a dar a resposta mais correcta, pois 50% discordam e 38.5% discordam plenamente da afirmação, mostrando assim, um maior conhecimento do interesse do bebé no rosto da mãe.

Pergunta 11	Frequências	Percentagens	Média
Concordo plenamente	1	1.9	
Concordo	2	3.8	
Não concordo nem discordo	3	5.8	
Discordo	26	50.0	
Discordo plenamente	20	38.5	
Total	52	100.0	3.19

12. O bebê precisa de silêncio, pouca claridade e poucos estímulos à sua volta.

Em relação ao item 12, a média de respostas é também considerável ($X=3.12$). Nesta questão era afirmado que o bebê precisa de silêncio, pouca claridade e poucos estímulos à sua volta, questão esta à qual 40.4% dos pais discordou e 44.2% discordou plenamente, revelando assim, que têm conhecimento que não é de silêncio e pouca luz que o bebê necessita.

Pergunta 12	Frequências	Percentagens	Média
Concordo plenamente	2	3.8	
Concordo	5	9.6	
Não concordo nem discordo	1	1.9	
Discordo	21	40.4	
Discordo plenamente	23	44.2	
Total	52	100.0	3.12

13. O bebê está alheio ao que acontece à sua volta e, por isso, não percebe as situações ou as pessoas que o cercam.

Este item já apresenta uma média mais baixa ($X=2.79$), pois 17.3% (9.6%+7.7%) dos pais pensa que o bebê está alheio ao que acontece à sua volta e, que por isso, não percebe as situações ou as pessoas que o cercam, e 5.8% não concorda nem discorda. 48.1% dos pais discorda desta ideia e apenas 28.8% dos pais disse discordar plenamente, que era a resposta com a pontuação mais elevada neste caso.

Pergunta 13	Frequências	Percentagens	Média
Concordo plenamente	5	9.6	
Concordo	4	7.7	
Não concordo nem discordo	3	5.8	
Discordo	25	48.1	
Discordo plenamente	15	28.8	
Total	52	100.0	2.79

14. *O bebé não está sempre com a mesma atenção. Às vezes, pode estar atento e em outros momentos sonolento.*

O item 14 apresenta-se com uma média consideravelmente elevada ($X=3.38$). 50% dos pais concorda e 46.2% concorda plenamente que o bebé não está sempre com a mesma atenção, pois umas vezes pode estar mais atento e noutras vezes mais sonolento.

Pergunta 14	Frequências	Percentagens	Média
Discordo	2	3.8	
Concordo	26	50.0	
Concordo plenamente	24	46.2	
Total	52	100.0	3.38

15. *O bebé demonstra de alguma forma as suas preferências e a mãe, aos poucos, passa a conhecê-las.*

Também o item 15 revela um bom conhecimento da parte dos pais sobre a capacidade dos bebés demonstrarem as suas preferências ($X=3.40$). 46.2% dos pais concordam e 48.1% dos pais concordam que os bebés demonstram as suas preferências e que a mãe, aos poucos, passa a conhecê-las. Apenas um dos pais discordou.

Pergunta 15	Frequências	Percentagens	Média
Discordo	1	1.9	
Não concordo nem discordo	2	3.8	
Concordo	24	46.2	
Concordo plenamente	25	48.1	
Total	52	100.0	3.40

16. *Ao ouvir um som, o bebé é capaz de virar a cabeça correctamente para o lugar de onde veio aquele som.*

Neste item, os pais já tiveram mais dificuldade em reconhecer que ao ouvir um som, o bebé é capaz de virar a cabeça correctamente para o lugar de onde veio aquele som ($X=2.88$). 3.8% discordaram plenamente, 15.4% dos pais discordaram desta capacidade do bebé e 17.3% dos pais não concordaram nem discordaram. 15.4% dos pais concordaram e apenas

48.1% dos pais concordaram plenamente que o bebé é capaz de virar a cabeça para o lugar de onde veio o som.

Pergunta 16	Frequências	Percentagens	Média
Discordo plenamente	2	3.8	
Discordo	8	15.4	
Não concordo nem discordo	9	17.3	
Concordo	8	15.4	
Concordo plenamente	25	48.1	
Total	52	100.0	2.88

17. Alguns bebés são mais sensíveis que outros. Por exemplo, alguns assustam-se com facilidade ao ouvir barulhos e outros sentem mais calor ou frio.

O item 17 apresenta um bom conhecimento dos pais ($X=3.37$). 50% dos pais concordam e 44.2% dos pais concordam plenamente que alguns bebés são mais sensíveis do que outros, por exemplo, alguns assustam-se mais facilmente e outros sentem mais calor ou frio.

Pergunta 17	Frequências	Percentagens	Média
Discordo	1	1.9	
Não concordo nem discordo	2	3.8	
Concordo	26	50.0	
Concordo plenamente	23	44.2	
Total	52	100.0	3.37

18. O bebé não mostrará reacções diferentes se a sua mãe estiver nervosa, alegre ou triste.

A média das respostas dos pais no item 18 é ($X=2.94$). Em relação à afirmação, 42.3% dos pais discordaram e 36.5% dos pais discordaram plenamente, enquanto houve 4 pais (7.7%) que concordaram plenamente e 3 pais (5.8%) que concordaram. Houve também 4 pais (7.7%) que não concordaram nem discordaram.

Pergunta 18	Frequências	Percentagens	Média
Concordo plenamente	4	7.7	
Concordo	3	5.8	
Não concordo nem discordo	4	7.7	
Discordo	22	42.3	
Discordo plenamente	19	36.5	
Total	52	100.0	2.94

19. O bebé não consegue interagir com as pessoas que o cercam porque não pode falar e porque está alheio ao que acontece à sua volta.

No item 19, a média das respostas é elevada ($X=3.27$). 38.5% dos pais discorda e 50% dos pais discorda plenamente que o bebé não consegue interagir com as pessoas que o cercam porque não pode falar e porque está alheio ao que acontece à sua volta. Apenas 7.6% (3.8%+3.8%) dos pais concordaram e concordaram plenamente com esta afirmação e 3.8% dos pais não concordaram nem discordaram.

Pergunta 19	Frequências	Percentagens	Média
Concordo plenamente	2	3.8	
Concordo	2	3.8	
Não concordo nem discordo	2	3.8	
Discordo	20	38.5	
Discordo plenamente	26	50.0	
Total	52	100.0	3.27

20. O bebé consegue distinguir o som da voz da pessoa que cuida dele do som da voz das outras pessoas.

Como já foi referido anteriormente, o item 20 foi o item onde os pais tiveram maior pontuação ($X=3.52$), sendo que 63.5% dos pais concordaram plenamente e 28.8% dos pais concordaram que o bebé consegue distinguir o som da voz da pessoa que cuida dele do som da voz das outras pessoas. Apenas dois pais (3.8%) discordaram e outros dois pais (3.8%) não concordaram nem discordaram.

Pergunta 20	Frequências	Percentagens	Média
Discordo	2	3.8	
Não concordo nem discordo	2	3.8	
Concordo	15	28.8	
Concordo plenamente	33	63.5	
Total	52	100.0	3.52

21. O bebê é capaz de imitar a mãe quando esta lhe mostra a sua língua.

Como também já foi mencionado, este é o item onde os pais tiveram uma média consideravelmente mais baixa ($X=1.63$), apenas 23.1% dos pais concordam e 7.7% concordam plenamente que o bebê é capaz de imitar a mãe quando esta lhe mostra a sua língua, enquanto 28.8% discordam plenamente e 17.3% discordam desta capacidade do bebê. É de realçar uma percentagem considerável de pais (23.1%) que respondeu que não concordam nem discordam.

Pergunta 21	Frequências	Percentagens	Média
Discordo plenamente	15	28.8	
Discordo	9	17.3	
Não concordo nem discordo	12	23.1	
Concordo	12	23.1	
Concordo plenamente	4	7.7	
Total	52	100.0	1.63

22. O bebê tem “quereres” e demonstra-o de algumas formas.

A média no item 22 é bastante mais alta ($X=3.06$). 55.8% dos pais concordam e 30.8% dos pais concordam plenamente que o bebê tem “quereres” e que o demonstra de alguma forma, enquanto 9.6% pensa que o bebê não tem “quereres”.

Pergunta 22	Frequências	Percentagens	Média
Discordo plenamente	1	1.9	
Discordo	4	7.7	
Não concordo nem discordo	2	3.8	
Concordo	29	55.8	
Concordo plenamente	16	30.8	
Total	52	100.0	3.06

23. O bebé distingue entre objectos ásperos e macios através do contacto com as suas mãos.

No item 23, os pais já não apresentam uma média tão boa ($X=2.08$). Salienta-se que 14 dos pais (26.9%) não concordaram nem discordaram. 32.7% concordaram e 7.7% concordaram plenamente que o bebé distingue entre objectos ásperos e macios através do contacto com as suas mãos. Os restantes 17 (4+13) pais (32.7%) não pensam que o bebé consegue fazer semelhante coisa.

Pergunta 23	Frequências	Percentagens	Média
Discordo plenamente	4	7.7	
Discordo	13	25.0	
Não concordo nem discordo	14	26.9	
Concordo	17	32.7	
Concordo plenamente	4	7.7	
Total	52	100.0	2.08

24. O bebé prefere ouvir o som da voz humana a ouvir o som emitido por um brinquedo, por exemplo, o som de uma roca.

Aqui, no item 24, a média já é mais alta que no item anterior ($X=2.73$). Mas, novamente salienta-se que 14 dos pais (26.9%) responderam que não concordam nem discordam. 44.2% concordam e 19.2% concordam plenamente que o bebé prefere ouvir o som da voz humana ao som de um brinquedo. Apenas 9.6% dos pais não concorda.

Pergunta 24	Frequências	Percentagens	Média
Discordo	5	9.6	
Não concordo nem discordo	14	26.9	
Concordo	23	44.2	
Concordo plenamente	10	19.2	
Total	52	100.0	2.73

25. *A mãe e o bebê, aos poucos, começam a criar as suas próprias brincadeiras.*

O item 25 apresenta uma média elevada ($X=3.50$), 46.2% dos pais concordam e 51.9% dos pais concordam plenamente que o bebê e a mãe, aos poucos, começam a criar as suas próprias brincadeiras. Apenas 1 dos pais não concordou nem discordou, não havendo assim, nenhum pai que discordasse que o bebê e a mãe vão criando as suas brincadeiras.

Pergunta 25	Frequências	Percentagens	Média
Não concordo nem discordo	1	1.9	
Concordo	24	46.2	
Concordo plenamente	27	51.9	
Total	52	100.0	3.50

26. *Se o bebê bebe no biberão um tipo de leite, e em outra ocasião bebe outro tipo de leite, pode ter preferência pelo gosto de um deles.*

No item 26, a média também é elevada ($X=3.25$). 28 pais (53.8%) concordam e 19 pais (36.5%) concordam plenamente que, se o bebê beber no biberão um tipo de leite e, noutra ocasião beber outro tipo de leite, pode ter preferência pelo gosto de um deles. Apenas 1 pai discordou e 4 não concordaram nem discordaram (7.7%).

Pergunta 26	Frequências	Percentagens	Média
Discordo	1	1.9	
Não concordo nem discordo	4	7.7	
Concordo	28	53.8	
Concordo plenamente	19	36.5	
Total	52	100.0	3.25

27. *O bebé demonstra sentimentos de alegria, tristeza ou raiva.*

A média no item 27 é 3.02, o que também é uma boa média. 69.2% dos pais concordam e 19.2% dos pais concordam plenamente que o bebé demonstra sentimentos de alegria, tristeza ou raiva. Só 3 pais (5.8%) discordaram.

Pergunta 27	Frequências	Percentagens	Média
Discordo	3	5.8	
Não concordo nem discordo	3	5.8	
Concordo	36	69.2	
Concordo plenamente	10	19.2	
Total	52	100.0	3.02

28. *O bebé não consegue sentir cheiro, não apresentando uma reacção diferente ao cheirar, por exemplo, perfume ou leite.*

Relativamente ao item 28, a média é 3.13. 36.5% dos pais discordam e 42.3% discordam plenamente que o bebé não consegue sentir cheiro, não apresentando uma reacção diferente ao cheirar, por exemplo, perfume ou leite. Houve 4 pais que concordaram que o bebé não consegue sentir cheiro e 7 pais que responderam que não concordam nem discordam.

Pergunta 28	Frequências	Percentagens	Média
Concordo	4	7.7	
Não concordo nem discordo	7	13.5	
Discordo	19	36.5	
Discordo plenamente	22	42.3	
Total	52	100.0	3.13

29. *O bebé imita alguns sons que a mãe faz para ele.*

No item 29, a média já é mais baixa (2.62%). Apenas 17.3% dos pais concordam plenamente e 50% concordam que o bebé imita alguns sons que a mãe faz para ele. 10 (2+8) dos pais pensam que o bebé não é capaz de imitar alguns sons, enquanto 7 dos pais responderam que não concordam nem discordam.

Pergunta 29	Frequências	Percentagens	Média
Discordo plenamente	2	3.8	
Discordo	8	15.4	
Não concordo nem discordo	7	13.5	
Concordo	26	50.0	
Concordo plenamente	9	17.3	
Total	52	100.0	2.62

30. *O bebê diferencia o cheiro da sua mãe do cheiro das outras pessoas.*

No item 30, a média é mais elevada ($X=3.04$). 53.8% dos pais concordam e 28.8% dos pais concordam plenamente que o bebê diferencia o cheiro da sua mãe do cheiro das outras pessoas. 3 pais (1+2) pensam que o bebê não consegue discriminar o cheiro da mãe do cheiro das outras pessoas, enquanto 6 dos pais não concordam nem discordam.

Pergunta 30	Frequências	Percentagens	Média
Discordo plenamente	1	1.9	
Discordo	2	3.8	
Não concordo nem discordo	6	11.5	
Concordo	28	53.8	
Concordo plenamente	15	28.8	
Total	52	100.0	3.04

31. *O bebê costuma olhar fixamente para o rosto da mãe durante a amamentação.*

A média no item 31 é bastante elevada ($X=3.33$). 86.5% (36.5%+ 50%) dos pais têm consciência de que o bebê costuma olhar fixamente para o rosto da mãe durante a amamentação. Apenas 2 pais pensam o contrário e 5 pais não concordam nem discordam.

Pergunta 31	Frequências	Percentagens	Média
Discordo	2	3.8	
Não concordo nem discordo	5	9.6	
Concordo	19	36.5	
Concordo plenamente	26	50.0	
Total	52	100.0	3.33

32. *O bebé sente necessidade de estar com pessoas à sua volta e interagir com elas.*

No item 32, a média está um pouco mais baixa ($X=2.98$). 65.4% dos pais concordam e 19.2% dos pais concordam plenamente que o bebé sente necessidade de estar com pessoas à sua volta e de interagir com elas. Apenas 3 pais pensam o contrário.

Pergunta 32	Frequências	Percentagens	Média
Discordo	3	5.8	
Não concordo nem discordo	5	9.6	
Concordo	34	65.4	
Concordo plenamente	10	19.2	
Total	52	100.0	2.98

33. *O bebé não é capaz de imitar o gesto feito pelo adulto com a mão, mesmo que este seja repetido várias vezes.*

No item 33, a média das respostas é 3.04. Em relação à afirmação, 20 pais concordaram, 22 concordaram plenamente, 6 discordaram, 2 discordaram plenamente e 2 não concordaram nem discordaram, o que revela que a grande maioria está de acordo em como o bebé não é capaz de imitar o gesto feito pelo adulto com a mão.

Pergunta 33	Frequências	Percentagens	Média
Discordo plenamente	2	3.8	
Discordo	6	11.5	
Não concordo nem discordo	2	3.8	
Concordo	20	38.5	
Concordo plenamente	22	42.3	
Total	52	100.0	3.04

34. *O bebé não consegue olhar directamente nos olhos do adulto que cuida dele.*

A média no item 34 é bastante boa ($X=3.29$). 34.6% dos pais discordam e 53.8% dos pais discordam plenamente que o bebé não consegue olhar directamente nos olhos do adulto que cuida dele. Apenas 5 pais (9.6% - 3.8%+5.8%) pensam que o bebé não consegue olhar nos olhos do adulto.

Pergunta 34	Frequências	Percentagens	Média
Concordo plenamente	2	3.8	
Concordo	3	5.8	
Não concordo nem discordo	1	1.9	
Discordo	18	34.6	
Discordo plenamente	28	53.8	
Total	52	100.0	3.29

35. *Se o bebé provar chá de erva doce e água não sentirá diferença no sabor de cada um.*

Para o item 35, a média é de 3.21. 38.5% dos pais discordaram e 46.2 discordaram plenamente que, se o bebé provar chá de erva doce e água não sentirá diferença no sabor de cada um. Apenas 4 pais (7.7% - 1.9%+5.8%) dos pais pensa que o bebé não sente diferença nestes sabores e outros 4 pais (7.7%) não concordaram nem discordaram.

Pergunta 35	Frequências	Percentagens	Média
Concordo plenamente	1	1.9	
Concordo	3	5.8	
Não concordo nem discordo	4	7.7	
Discordo	20	38.5	
Discordo plenamente	24	46.2	
Total	52	100.0	3.21

Passa-se agora, para uma relação entre alguns dos dados pessoais dos participantes com as respostas dos mesmos. Em relação à idade, optou-se por dividir as idades dos pais em 5 faixas etárias para ser mais fácil a análise dos resultados e também, por se considerar serem estas as faixas mais pertinentes. Contudo, na faixa etária até aos 18 anos ficaram apenas dois participantes, mas pensa-se que não seria correcto juntarem-se estas idades com as seguintes. Não se notou grandes diferenças de resultados entre as diferentes idades, excepto em relação aos participantes até aos 18 anos, que têm uma média de 1.77, mas como são apenas dois participantes, não se pode considerar a diferença significativa. Depois destaca-se que entre os 31 e os 35 anos, a média é relativamente superior ($X=3.24$) em relação às outras três faixas etárias (19-25 anos, 26-30 anos e 36-50 anos) que se encontram perto da média geral dos resultados dos pais ($X=3.02$).

Idade	Frequências	Média
Até aos 18 anos	2	1.77
19-25 anos	13	3.01
26-30 anos	17	2.97
31-35 anos	13	3.24
36-50 anos	7	3.02
Total	52	

Tendo em conta a idade do bebé, seria de esperar que os pais cujos filhos têm a idade mais próxima do limite de idade para participar neste estudo, fossem aqueles que melhor entendessem ou percebessem as competências dos mesmos. O que não se verificou. Com efeito, os melhores resultados foram encontrados nos participantes com filhos com as idades de um mês ($X=3.15$) e de um mês e meio ($X=3.13$), enquanto os participantes, cujos filhos têm então dois meses, apresentam uma média de 2.65.

Idade do Bebé	Frequências	Média
Dias	1	2.83
Semanas	4	1.92
Um mês	7	3.15
Mês e meio	16	3.13
Dois meses	24	2.65
Total	52	

Em relação ao facto de ser este o primeiro filho ou não, não houve diferenças na média das respostas dos pais. Os pais, sendo este o primeiro filho, tiveram uma média de 3.01 e os pais que já tinham tido filhos antes, tiveram uma média de 3.02.

Primeiro Filho	Frequências	Média
Sim	31	3.01
Não	21	3.02
Total	52	

No que diz respeito ao grau de escolaridade, notaram-se mais diferenças entre as respostas dos participantes. Os pais com o 9º ano tiveram uma média de 2.74, aqueles que têm o 12º ano totalizam uma média de 3.12 e os pais com uma licenciatura apresentam uma média mais elevada nas respostas ($\bar{X}= 3.34$). Assim, percebe-se que são, efectivamente, aqueles que têm um grau académico mais elevado, que melhor e mais correctamente conhecem as competências dos bebés.

Grau de Escolaridade	Frequências	Média
9º Ano	24	2.74
12º Ano	12	3.12
Licenciatura	16	3.34
Total	52	

Relativamente à profissão dos participantes, optou-se por catalogá-las de acordo com a Classificação Portuguesa das Profissões de 2010. Neste aspecto, houve algumas diferenças que se salientaram. As categorias profissionais que apresentam maiores resultados são: um Técnico de Profissões de Nível Intermédio ($\bar{X}=3.49$) e os Especialistas das Actividades Intelectuais e Científicas ($\bar{X}=3.33$). Também demonstram resultados consideráveis os pais que fazem parte do Pessoal Administrativo ($\bar{X}=3.1$) e os Trabalhadores dos Serviços Pessoais, de Protecção e Segurança ($\bar{X}=2.98$). Os resultados mais baixos encontram-se entre os Trabalhadores Não Qualificados ($\bar{X}=2.77$) e os Trabalhadores Qualificados da Indústria ($\bar{X}=2.62$). Depois salienta-se que há apenas um participante, dentro da Categoria Profissional dos Operadores de Instalação e Máquinas, que ostenta uma média muito mais baixa ($\bar{X}=2.11$). Existem sete participantes que não exercem qualquer função, razão pela qual não mencionaram a sua profissão.

Profissão	Frequências	Média
Especialistas das Actividades Intelectuais e Científicas	14	3.33
Técnicos e Profissões de Nível Intermédio	1	3.49
Pessoal Administrativo	7	3.1
Trabalhadores dos Serviços Pessoais, de Protecção e Segurança	12	2.98
Trabalhadores Qualificados da Indústria	4	2.62
Operadores de Instalação e Máquinas	1	2.11

Trabalhadores Não Qualificados	6	2.77
Omissos	7	
Total	52	

IV. Discussão

Os pais apresentaram um conhecimento suficientemente bom das competências dos bebés recém-nascidos, considerando-os assim, activos e participantes nas relações com os outros. Estes resultados vêm ao encontro de alguns estudos, por exemplo: o estudo de Moura, Ribas, Seabra, Pessôa, Ribas Jr. e Nogueira (2004) em que as mães tinham uma visão positiva das competências dos bebés; o estudo de Diniz (2009) que concluiu que os pais se mostram atentos às características dos seus bebés e o estudo Ribas Jr., Moura e Bornstein (2007) que demonstrou um nível razoável de conhecimento dos pais sobre o desenvolvimento infantil.

Relativamente às três áreas em que se divide o Questionário aplicado, salientou-se que os pais apresentaram um maior conhecimento nas áreas II e III, que incidem sobre a capacidade do bebé interagir e a sua possibilidade de participação ou alheamento nas interacções, e um menor conhecimento na área I que reflecte as capacidades sensoriais e de imitação dos bebés. Pode-se, assim, talvez referir uma maior dificuldade da parte dos pais em reconhecerem as capacidades sensoriais dos bebés, enquanto por outro lado, conseguem percepcioná-los como sujeitos capazes de interagir e sendo portadores de características individuais.

Vai-se proceder agora a uma discussão dos resultados obtidos nalguns itens que se consideram mais pertinentes.

O item com piores resultados diz respeito ao facto de o bebé ser capaz de imitar a mãe quando esta lhe mostra a língua, o que revela que a maior parte dos pais pensa que o bebé não consegue imitar a mãe, o que não corresponde à realidade, pois Meltzoff e Moore (1983, citado por Moura & Ribas, 2004), já em 1983, afirmaram que existe imitação neonatal de movimentos faciais como a protrusão da língua, a extensão do lábio e a abertura da boca em recém-nascidos com apenas 1 hora a 71 horas de vida.

Quanto ao item com melhores resultados, item este sobre a capacidade de o bebé conseguir distinguir o som da voz da pessoa que cuida dele do som da voz das outras pessoas, os pais efectivamente têm consciência desta competência, o que corrobora o estudo de Fifer e DeCasper (1980, citado por Fifer, 2005) em que concluíram que até os recém-nascidos com menos de 24 horas reconheceram e preferiram a voz materna. Também o estudo de Nunes (2009) defende que o bebé reconhece a voz materna poucas horas depois do nascimento, uma vez que já a ouvia dentro do útero.

O bebé também prefere ouvir o som da voz humana ao som de brinquedos, contudo houve uma maior dificuldade dos pais em reconhecer este facto. Mas, já Brazelton e Cramer (2007) afirmaram que os recém-nascidos preferem os sons humanos aos outros.

Quanto ao facto de o bebé, ao ouvir um som, ser capaz de virar a cabeça correctamente para o lugar de onde ele veio, os pais pareceram ter maior dificuldade em reconhecer esta capacidade do bebé, capacidade essa defendida por Brazelton e Cramer (2007) que confirmam que o bebé vira os olhos e a cabeça na direcção do som que ouve.

Relativamente ao facto de o bebé não distinguir o rosto da mãe do rosto das outras pessoas, verificou-se que a maior parte dos inquiridos percebeu que o bebé consegue realmente distinguir o rosto da mãe, tal como Brazelton e Cramer (2007) defenderam que o bebé tem um conhecimento muito precoce das pessoas que cuidam dele ou como Lopes, Nascimento, Souza, Mallet e Argimon (2010) afirmaram que o bebé pode distinguir o rosto materno dos outros rostos. No item em que se afirma que os bebés não se mostram mais atentos ao rosto da sua mãe do que ao rosto das outras pessoas, a maior parte dos pais discordou, revelando assim, que os bebés estão mais atentos ao rosto da sua mãe do que ao rosto das outras pessoas, o que Brazelton (1995) confirma ao afirmar que com dez dias, o bebé é capaz de escolher a cara da mãe de entre várias caras femininas, o que evidencia que de facto, está mais atento à cara dela.

No item relacionado com o facto de o bebé não conseguir sentir cheiro, não apresentando assim, uma reacção diferente ao cheirar, por exemplo, perfume ou leite, a maior parte dos pais revela saber que o bebé consegue sentir os diferentes cheiros, o que Sá, Matela, Morais e Veiga (2004) confirmam quando referem que o bebé com apenas quatro dias, detecta e discrimina cheiros quase como o adulto o faz. Também muitos pais revelaram saber que o bebé diferencia o cheiro da sua mãe do cheiro das outras pessoas, o que Lopes, Nascimento, Souza, Mallet e Argimon (2010) já tinham argumentado ser verdadeiro.

Os pais perceberam, maioritariamente, que os bebés conseguem sentir diferença no sabor entre um chá de erva doce e água, o que confirmam Brazelton e Cramer (2007) quando argumentam que os recém-nascidos são capazes de distinguir diferenças subtis de paladar. Lopes, Nascimento, Souza, Mallet e Argimon (2010) também referenciam que o bebé distingue os quatro sabores básicos: salgado, doce, azedo e amargo.

Os pais perceberam que os bebés não são todos iguais, alguns são mais calmos e outros mais agitados, o que confirma o estudo de Santos (2001) quando a autora salienta que os bebés são seres individuais, e que cada um deles interage com os adultos com o seu próprio estilo individual.

Quando se afirmou que os bebés não mostram reacções diferentes caso a mãe esteja nervosa, alegre ou triste, a maior parte dos pais discordaram com a afirmação. Já Dunker e Lordelo (1993) defenderam que os bebés diferenciam expressões faciais de alegria, surpresa e tristeza.

O estudo de Santos (2001) defendeu que o recém-nascido é um ser organizado, capaz de interagir e de influenciar a relação com as outras pessoas, facto este que foi compreendido pela maior parte dos participantes quando discordaram da afirmação que dizia respeito ao facto de o bebé não conseguir interagir com as pessoas que o cercam porque não pode falar e porque está alheio ao que acontece à sua volta. Noutro item, também se questionou se o bebé sente necessidade de estar com pessoas à sua volta e interagir com elas, item a que os pais tiveram mais dificuldade em responder correctamente.

Julga-se agora conveniente fazer uma relação entre os dados pessoais dos pais para perceber se estes influenciam o nível de conhecimento dos mesmos.

Em relação à idade dos participantes, não se observaram diferenças significativas no conhecimento dos pais sobre as competências dos bebés. É apenas de salientar que na faixa etária até aos 18 anos, a média das respostas dos pais foi muito mais baixa, mas como são apenas dois participantes, a diferença não é significativa. Contudo, apesar de a diferença não ser significativa, pensa-se que se pode relacionar estes dados com os do estudo de Benasich e Brooks-Gunn (1996, citado por Ribas Jr., Moura & Bornstein, 2007) que comparou mães adolescentes com mães adultas e concluiu que existe uma diferença no conhecimento sobre os bebés entre as mães de faixas etárias diferentes, pois as mães adultas tendem a ter mais conhecimento sobre os bebés. Excluindo a faixa etária dos adolescentes, pode-se relacionar o

presente estudo com o estudo de Moura, Ribas Jr., Piccinini, Bastos, Magalhães, Vieira, Salomão, Silva e Silva (2004) e o estudo de Ribas Jr. e Bornstein (2005) onde a idade dos pais não se apresentou como um factor importante no conhecimento sobre os bebés.

Tentou-se perceber se a idade do bebé influencia o conhecimento dos pais sobre o mesmo, mas constatou-se que os pais com bebés de idade de um mês e um mês e meio, são efectivamente, aqueles que melhor entendem as competências dos seus bebés, pelo que não se conseguiu chegar à conclusão que se havia previsto e que se esperava que fosse acontecer, ou seja, os pais com os bebés de idade mais aproximada aos dois meses, seriam aqueles que melhor entenderiam as suas competências.

Como não foi encontrado nenhum estudo relativamente ao conhecimento dos pais consoante o facto de este ser o primeiro filho ou não, pretendeu-se fazer esta comparação para perceber se efectivamente existe diferença no conhecimento parental quando se trata de pais primíparos ou não, mas não se observou nenhuma diferença.

Quando se comparou o grau académico dos pais, observaram-se algumas diferenças. Os pais com o 9º ano foram os pais que apresentaram um nível de conhecimento mais baixo sobre as competências dos bebés. A seguir, os pais com o 12º ano apresentaram um nível de conhecimento mais elevado, mas foram os pais com uma licenciatura que manifestaram um conhecimento mais elevado sobre as competências dos bebés. Assim, pode-se concluir que o grau de escolaridade tem de facto influência no conhecimento que os pais têm sobre este assunto. Estes resultados vêm ao encontro de vários estudos, tais como: o estudo de Ribas Jr., Moura e Bornstein (2007) que concluiu que as mães com maior escolaridade apresentaram um maior conhecimento do desenvolvimento infantil; o estudo de Moura, Ribas Jr., Piccinini, Bastos, Magalhães, Vieira, Salomão, Silva e Silva (2004) que comprovou que o nível de educação das mães apresentou maior índice de correlação com o conhecimento do desenvolvimento infantil do que o nível socioeconómico e a idade das mães; e o estudo de Ribas Jr. e Bornstein (2005) onde se descobriu que a educação das mães e dos pais desempenha um papel importante no seu conhecimento parental. Assim, entende-se que seria útil aceitar a sugestão de Moura, Ribas Jr., Piccinini, Bastos, Magalhães, Vieira, Salomão, Silva e Silva (2004) que afirmam que é fundamental priorizar e aumentar as oportunidades de educação ou até mesmo a sugestão de Ribas Jr., Moura e Bornstein (2007) que sugerem a criação de cursos para pais, para aumentarem o seu conhecimento sobre o desenvolvimento infantil.

Comparando o conhecimento dos pais com as respectivas profissões, também se observaram algumas diferenças. Os pais que se inserem dentro das Categorias Profissionais de Técnico de Profissões de Nível Intermédio, de Especialistas das Actividades Intelectuais e Científicas e de Pessoal Administrativo apresentaram um maior conhecimento sobre as competências dos bebés. Os pais que se inserem dentro das restantes categorias profissionais revelaram um menor conhecimento sobre as mesmas competências.

V. Referências Bibliográficas

- Alarcão, M.; Relvas, A. & Sá, E. (2004). A complementaridade das interações mãe-bebé. In Sá, E. *A Maternidade e o Bebê*. Lisboa: Fim de Século.
- Almeida, M. (2006). *A Pré-história do Desenvolvimento Emocional da Criança*. Documento publicado no Portal dos Psicólogos.
- Alvarez, L. & Golse, B. (2009). *A psiquiatria do Bebê*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Barnard, K. (1995). A Descoberta do Bebê. In Pedro, J. *Bebê XXI: Criança e Família na viragem do século*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Boubli, M. (2001). *Psicopatologia da Criança*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Brazelton, B. (1995). Tornar-se Família com o Bebê XXI. In Pedro, J. *Bebê XXI: Criança e Família na viragem do século*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Brazelton, B. & Cramer, B. (2007). *A relação mais precoce: os pais, os bebês e a interação precoce*. Lisboa: Terramar (1ª. Edição portuguesa de 1993).
- Carecho, I. (2011). Trabalho realizado sobre O Livro da Consciência – A construção do Cérebro Consciente de António Damásio.
- Cunha, I. (2001). A Revolução dos Bebês: aspectos de como as emoções esculpem o cérebro e geram os comportamentos no período pré e perinatal. *Psicanalítica, 1*, 102-128.
- Cyrulnik, B. (1995). Em que pensam os fetos? In *Nutrir os afectos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Didonet, V. (2002, Novembro). *As implicações das competências do bebê para a pedagogia da infância*. Comunicação apresentada no IV Encontro Nacional sobre o Bebê – psicanálise, pesquisa clínica – aprendendo com o bebê, Brasília.
- Diniz, E. (2009). Ser Bebê! Do Afecto à Relação. In Lourenço, L. & Rodrigues, H. *Ser Bebê Tornar-se Pessoa: Afectos Comemorativos*. Lisboa: Almedina.
- Dunker, A. & Lordelo, E. (1993). Um novo bebê: interpretações sobre competências. *Psicologia: ciência e profissão, 13*, 1-4.
- Einspieler, C.; Marschik, P. & Prechtel, H. (2008). Human Motor Behavior: Prenatal Origin and Early Postnatal Development. *Journal of Psychology, 216* (3), 147-153.
- Farias, G. (2008). O que os bebês sabem? Um modo diferenciado de pensá-los. *Pensar a Prática, 11*, 115-124.

- Featherstone, L. (2008). Becoming a Baby? The Foetus in Late Nineteenth-century Australia. *Australian Feminist Studies*, 58, 451-465.
- Fifer, W. (2005). O feto, o recém-nascido e a voz da mãe. In Pedro, J.; Nugent, J.; Young, J. & Brazelton, B. *A Criança e a Família no Século XXI*. Lisboa: Dinalivro.
- Golse, B. (2007). *O Ser-Bebé*. Lisboa: Climepsi.
- Gonçalves, M. (2003). Uma nova perspectiva em saúde mental do bebé: a experiência da Unidade da Primeira Infância. *Análise Psicológica*, 1,(XXI), 5-12.
- Gonçalves, M. (2006). O bebé na psicanálise: da relação de objecto à intersubjectividade. In Luzes, P.; Costa, M. & Diniz, J. *Sigmund Freud: 150 anos depois*. Lisboa: Fenda.
- Imbasciati, A. (2003). *Nascimento e Construção da Mente*. Lisboa: Climepsi.
- Klein, M. (1959). Nosso mundo adulto e suas raízes na infância. In Klein, M. (2006). *Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Lebovici, S. (1987). *O Bebé, a Mãe e o Psicanalista*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lebovici, S. (1995). Creativity and the Infant's Competence. *Infant Mental Health Journal*, 16 (1), 10-15.
- Lécuyer, R. (1997). *A Inteligência dos Bebés em 40 questões*. Mem Martins: Edições Cetop.
- Lipsitt, L. (1995). Experiências precoces e comportamento do Bebé XXI. In Pedro, J. *Bebé XXI: Criança e Família na viragem do século*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lopes, R.; Nascimento, R.; Souza, S.; Mallet, L. & Argimon, I. (2010). *Desenvolvimento Cognitivo e Motor de Crianças de zero a quinze meses: um estudo de revisão*. Documento publicado no Portal dos Psicólogos.
- Lourenço, L. (2005). *O Bebé no Divã – desenvolvimento emocional precoce: amar e pensar com o bebé e os seus pais*. Coimbra: Almedina.
- Mancia, M. (1981). On the beginning of mental life in the foetus. *Int. J. Psycho-Anal.*, 62, 351-356.
- Matos, A. (2006). Entre Memória Emocional e Memória Semântica: Mito Pessoal do Bebé. In Rosa, J. & Sousa, S. *Caderno do Bebé*. Lisboa: Fim de Século.
- Mazet, P. & Stoleru, S. (2003). *Psicopatologia do Lactente e da Criança Pequena*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Montagner, H. (2009). *A Árvore Criança: uma Nova Abordagem do Desenvolvimento da Criança*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Moura, M. & Ribas, A. (2004). Evidências sobre características de bebês recém-nascidos: um convite a reflexões teóricas. In Moura, M. *O bebê do século XXI e a psicologia em desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Moura, M.; Ribas, A.; Seabra, K.; Pessoa, L.; Ribas Jr., R. & Nogueira, S. (2004). Interações Iniciais Mãe-Bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17, 295-302.
- Moura, M.; Ribas Jr., R.; Piccinini, C.; Bastos, A.; Magalhães, C.; Vieira, M.; Salomão, N.; Silva A. & Silva, A. (2004). Conhecimento sobre desenvolvimento infantil em mães primíparas de diferentes centros urbanos do Brasil. *Estudos de Psicologia*, 9 (3), 421-429.
- Nagera, H. (1982). Vulnérabilité et rôle de la stimulation dans le premier développement psychologique. In Anthony, E.; Chiland, C. & Koupnik, C. *Enfant vulnérable*. Paris: Puf.
- Nunes, P. (2009). *Experiência auditiva no meio intra-uterino*. Documento publicado no Portal dos Psicólogos.
- Oliveira, D. (2009). Do mundo do bebê ao lugar do bebê no mundo: interações mãe-bebê em díades de raça branca e díades de raça negra – estudos de caso. In Lourenço, L. & Rodrigues, H. *Ser Bebê Tornar-se Pessoa: Afectos Comemorativos*. Lisboa: Almedina.
- Pedro, J. (2004). O que é ser Criança? Da genética ao comportamento. *Análise Psicológica*, 1, (XXII), 33-42.
- Phillips, S. (1982). Do Babies think? How do Babies think? Unit for Child Studies. *Selected Papers*, 23.
- Pimentel, J. (1996). *Um Bebê Diferente: da Individualidade da Interação à Especificidade da Intervenção*. Dissertação de Mestrado apresentada ao ISPA, Lisboa. (Trabalho realizado com o apoio do Secretariado Nacional de Reabilitação no âmbito do Programa CITE).
- Pinho, D. (2009). *Conhecimentos dos pais acerca das capacidades sensoriais do recém-nascido*. Tese de Licenciatura apresentada à Universidade Fernando Pessoa: Faculdade de Ciências da Saúde, Porto.
- Piontelli, A. (1995). *Feto a Criança: um estudo observacional e psicanalítico*. Lisboa: Imago.
- Prechtl, H. (1995). Novos conceitos em desenvolvimento fetal humano. In Pedro, J. *Bebê XXI: Criança e Família na viragem do século*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Reis, N. (2003). De Feto a Bebê. In Sá, E. *Psicologia do Feto e do Bebê*. Lisboa: Fim de Século.
- Reis, N. (2006). Com a Vista na Ponta dos Dedos. In Rosa, J. & Sousa, S. *Caderno do Bebê*. Lisboa: Fim de Século.
- Ribas Jr., R. & Bornstein, M. (2005). Parenting Knowledge: Similarities and Differences in Brazilian Mothers and Fathers. *Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology*, 39 (1), 5-12.
- Ribas Jr., R.; Moura, M. & Bornstein, M. (2007). Cognições maternas acerca da maternidade e do desenvolvimento humano: uma contribuição ao estudo da psicologia parental. *Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum*, 17 (1), 104-113.
- Rosa, J. (2006). Pensar o Brincar. In Rosa, J. & Sousa, S. *Caderno do Bebê*. Lisboa: Fim de Século.
- Sá, E. (2003a). Os Bebês: da biologia à psicanálise. In Sá, E. *Psicologia do Feto e do Bebê*. Lisboa: Fim de Século.
- Sá, E. (2003b). A liberdade do nascimento e a sabedoria do bebê. In Sá, E. *Psicologia do Feto e do Bebê*. Lisboa: Fim de Século.
- Sá, E. (2003c). Psicologia do Feto. In Sá, E. *Psicologia do Feto e do Bebê*. Lisboa: Fim de Século.
- Sá, E. (2004). O Pensamento dos Bebês – Algumas reflexões. In Sá, E. *A Maternidade e o Bebê*. Lisboa: Fim de Século.
- Sá, E. & Dias, M. (2004). A Vida Emocional do Feto. In Sá, E. *A Maternidade e o Bebê*. Lisboa: Fim de Século.
- Sá, E.; Matela, S.; Morais, R. & Veiga, C. (2004). A Doença Psicológica no Bebê. In Sá, E. *A Maternidade e o Bebê*. Lisboa: Fim de Século.
- Sá, E. (2009). *Esboço para uma nova psicanálise*. Lisboa: Almedina.
- Santos, M. (1993). *Competências Comportamentais no Recém-Nascido Normal*. Comunicação apresentada na I Jornada de Saúde Materna e Infantil, Coimbra.
- Santos, M. (2001). Conhecer as Competências do Recém-nascido. In Canavarro, M. *Psicologia da Gravidez e da Maternidade*. Coimbra: Quarteto.
- Sousa, S. (2006). Cavidades de Sonhos. In Rosa, J. & Sousa, S. *Caderno do Bebê*. Lisboa: Fim de Século.
- Vauclair, J. (2008). *Desenvolvimento da Criança do Nascimento aos Dois Anos*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Vicente, C. & Moura, M. (2006). Motor Behavior in Mother-Infant Interaction. *Fiep Bulletin*, 76, 292-294.
- Wertheim, E. (1982). Genese developpementale de la vulnerabilite humaine: reevaluation du concept. In Anthony, E.; Chiland, C. & Koupernik, C. *Enfant vulnerable*. Paris: Puf.
- Winnicott, D. (1975a). O Bebé como Pessoa. In *Criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Winnicott, D. (1975b). Mais Ideias Sobre os Bebés como Pessoas. In *Criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar.

ANEXOS

Anexo 1: Questionário sobre a Concepção de Competências
do Bebê Recém-Nascido (QCBR)



MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Estamos interessados em estudar o desenvolvimento de crianças desde o nascimento e a forma como elas são vistas pelos adultos. Gostaríamos de ter a sua colaboração nesse sentido.

Apresentamos a seguir uma série de itens sobre o que fazem ou não os bebés recém-nascidos, ou seja, bebés até 2 meses de idade. Após ler cada um dos itens marque na folha de resposta, com um X, se concorda plenamente, concorda, não concorda nem discorda, discorda ou discorda plenamente com o que é dito.

Lembre-se sempre que os itens se referem a bebés que não apresentam nenhuma deficiência, com idade dos 0 a 2 meses.

DADOS PESSOAIS:

Nº: _____

SEXO: MASCULINO FEMININO

IDADE: _____

ESTADO CIVIL: SOLTEIRO (A)
CASADO (A)
SEPARADO (A)
VIÚVO (A)

IDADE DO BEBÉ: _____

É O SEU PRIMEIRO FILHO? SIM NÃO

SE JÁ TINHA FILHOS, QUANTOS? _____

E DE QUE IDADE? _____

SE JÁ TINHA FILHO(S), QUEM CUIDOU DELE(S) NOS PRIMEIROS MESES DE VIDA?

A AMA
O PAI
A MÃE
A AVÓ
O PAI E A MÃE
A EMPREGADA
CRECHE

NO CASO DE NENHUMA DAS ALTERNATIVAS SERVIR COMO RESPOSTA, ESCREVA NO ESPAÇO RESERVADO ABAIXO QUEM CUIDOU DOS SEUS FILHOS

QUAL O SEU GRAU DE ESCOLARIDADE? 9º. ANO
12º. ANO
LICENCIATURA
MESTRADO
DOUTORAMENTO

TRABALHA? SIM NÃO

PROFISSÃO: _____

OS ITENS REFEREM-SE A BEBÉS RECÉM-NASCIDOS (DOS 0 A 2 MESES)

1. Os olhos do bebé procuram o rosto dos pais quando eles pegam no bebé acordado, ao colo.
Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente
2. O bebé é afectado pelo ambiente que o cerca, podendo mostrar-se agitado ou tranquilo dependendo desse ambiente.
Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente
3. Como o bebé não se sabe expressar, ele e os adultos que estão à sua volta não comunicam.
Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente
4. O bebé não distingue o rosto da sua mãe do rosto das outras pessoas.
Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente
5. Os bebés, quando nascem, não são muito diferentes uns dos outros.
Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente
6. Os bebés não são todos iguais, alguns são mais calmos e outros mais agitados.
Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente
7. O bebé não é capaz de ver os brinquedos à sua volta.
Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente
8. O bebé e a mãe comunicam através dos sons (ou seja, as falas da mãe e os galreios do bebé), das expressões do rosto e dos gestos que fazem um para o outro.
Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente
9. O bebé prefere olhar para rostos a olhar para objectos.
Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente
10. Quando o bebé olha para o adulto e quando o adulto mexe a sua cabeça, virando-a para o outro lado, o bebé acompanha com os olhos o movimento do adulto.
Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente
11. Um bebé não se mostra mais atento ao rosto da sua mãe do que ao rosto de outras pessoas.
Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente
12. O bebé precisa de silêncio, pouca claridade e poucos estímulos à sua volta.
Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente

13. O bebé está alheio ao que acontece à sua volta e, por isso, não percebe as situações ou as pessoas que o cercam.

Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente

14. O bebé não está sempre com a mesma atenção. Às vezes, pode estar atento e em outros momentos sonolento.

Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente

15. O bebé demonstra de alguma forma as suas preferências e a mãe, aos poucos, passa a conhecê-las.

Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente

16. Ao ouvir um som, o bebé é capaz de virar a cabeça correctamente para o lugar de onde veio aquele som.

Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente

17. Alguns bebés são mais sensíveis que outros. Por exemplo, alguns assustam-se com facilidade ao ouvir barulhos e outros sentem mais calor ou frio.

Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente

18. O bebé não mostrará reacções diferentes se a sua mãe estiver nervosa, alegre ou triste.

Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente

19. O bebé não consegue interagir com as pessoas que o cercam porque não pode falar e porque está alheio ao que acontece à sua volta.

Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente

20. O bebé consegue distinguir o som da voz da pessoa que cuida dele do som da voz das outras pessoas.

Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente

21. O bebé é capaz de imitar a mãe quando esta lhe mostra a sua língua.

Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente

22. O bebé tem “quereres” e demonstra-o de algumas formas.

Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente

23. O bebé distingue entre objetos ásperos e macios através do contacto com as suas mãos.

Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente

24. O bebé prefere ouvir o som da voz humana a ouvir o som emitido por um brinquedo, por exemplo, o som de uma roca.

Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente

25. A mãe e o bebé, aos poucos, começam a criar as suas próprias brincadeiras.

Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente

26. Se o bebé bebe no biberão um tipo de leite, e em outra ocasião bebe outro tipo de leite, pode ter preferência pelo gosto de um deles.

Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente

27. O bebé demonstra sentimentos de alegria, tristeza ou raiva.

Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente

28. O bebé não consegue sentir cheiro, não apresentando uma reacção diferente ao cheirar, por exemplo, perfume ou leite.

Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente

29. O bebé imita alguns sons que a mãe faz para ele.

Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente

30. O bebé diferencia o cheiro da sua mãe do cheiro das outras pessoas.

Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente

31. O bebé costuma olhar fixamente para o rosto da mãe durante a amamentação.

Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente

32. O bebé sente necessidade de estar com pessoas à sua volta e interagir com elas.

Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente

33. O bebé não é capaz de imitar o gesto feito pelo adulto com a mão, mesmo que este seja repetido várias vezes.

Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente

34. O bebé não consegue olhar directamente nos olhos do adulto que cuida dele.

Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente

35. Se o bebé provar chá de erva doce e água não sentirá diferença no sabor de cada um.

Concordo Plenamente Concordo Não concordo nem discordo
Discordo Discordo Plenamente

**Anexo 2: Tabelas sobre as análises de dados efectuadas em
SPSS.**